



Tem um corpo nessa alma: encruzilhadas da antropologia da *performance* no Brasil

Luciana Hartmann^I Esther Jean Langdon^{II} 

Abrindo caminhos

Neste artigo procuraremos oferecer um panorama sobre a produção das últimas duas décadas na intersecção, ou encruzilhada, entre antropologia e *performance* no Brasil. Adotamos o termo “encruzilhada” inspiradas em Leda Maria Martins (1997)¹, que a define como

um princípio de construção retórica e metafísica, um operador semântico pulsionado de significância, ostensivamente disseminado nas manifestações culturais e religiosas brasileiras de predominância nagô e naquelas matizadas pelos saberes bantos. O termo encruzilhada, utilizado como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e

sistemas simbólicos diferenciados e diversos (Martins, 1997, p. 28).

Acreditamos que a encruzilhada, nesse sentido, carrega uma potência semântica que pode ser produtiva para pensar o campo da antropologia da *performance* no país. E antes de começar, pedimos licença ao dono do corpo, senhor das encruzilhadas, dos caminhos, das portas e patrono da comunicação, Exú, para apresentar o levantamento feito a seguir².

Na encruzilhada (lugar de cruzamentos, influências, divergências, cisões, fusões, rupturas, multiplicidades) entre Antropologia e formas expressivas em *performance*, danças, cantos, músicas, narrativas, jogos, brincadeiras, procissões, dramatizações, festas e festivais, manifestações sociais e políticas, rituais de vida e de morte recebem especial atenção, não apenas pelas interpretações ou pelas leituras do social que possibilitam, mas, sobretudo, pelos aspectos simbólicos, expressivos,

1 Leda Maria Martins é importante referência na pesquisa do teatro negro no Brasil e dos congados. Realizou dois pós-doutorados em estudos da *performance*, na New York University, e tem travado importantes diálogos com os pesquisadores da antropologia da *performance* no Brasil.

2 Agradecemos à colega Renata Lima e Silva a generosa leitura do artigo e a devida referência e reverência a Exu. Agradecemos também a Taís Ferreira as contribuições ao texto.

^IUniversidade de Brasília – Brasília (DF), Brasil. E-mail: luhartm71@gmail.com

^{II}Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis (SC), Brasil. E-mail: estherjeanbr@gmail.com

Recebido em: 03/04/2019. Aprovado em: 05/09/2019.

poéticos, estéticos, políticos e reflexivos que evocam e que produzem. Considerando que se trata de um campo interdisciplinar, que tem tido franco crescimento e despertado forte interesse dos pesquisadores brasileiros nas últimas décadas, não é possível abarcar a totalidade de suas produções, tampouco de seus autores. Procuraremos, no entanto, apontar as tendências e as contribuições que permitam aos leitores e às leitoras encontrar caminhos que os(as) conduzam a outros textos que, porventura, não se encontrem em nosso artigo.

Se sobrevoarmos nossa “floresta de símbolos”³, olhando por cima das copas das árvores, vamos encontrar outras encruzilhadas, da própria antropologia da *performance* com outros campos, bastante próximos, com os quais desenvolve férteis diálogos. Entendemos, portanto, que devemos dirigir (limitar) nosso olhar para o cruzamento que a antropologia da *performance* vem travando com os estudos da música, das artes cênicas, do teatro, da arte e do audiovisual dentro e fora da própria antropologia, que partilham perspectivas, referenciais teóricos, metodológicos e dialogam com sujeitos e grupos sociais comuns. Consideramos que há vários aspectos, no que se refere a campo empírico e conceitos agenciados – reflexividade, ruído, margem, liminaridade, subversão, polifonia, experiência, corporalidade, movimento, transformação, negociação, contextualização, entre outros –, que se tangenciam sob a perspectiva de performance, o que permite estabelecer certa “identidade” entre elas. Acreditamos – e procuraremos desenvolver nosso argumento nesse sentido – que grande parte dessa identidade passa pela abordagem dos corpos (humanos e não humanos, de an-

tropólogos e de seus interlocutores), por sua expressividade gráfica, sonora, gestual, visual – em *performance*.

Atualmente, a antropologia da *performance* no Brasil pode ser considerada um campo consolidado, apesar de sua diversidade interna, e é melhor abordada como um “programa de pesquisa”. Conceito desenvolvido pelo filósofo da ciência Imre Lakatos (1970), o programa de pesquisa pressupõe que uma comunidade científica partilhe de um conjunto comum de teorias, métodos e técnica. Conforme Escobar (2004, p. 31), um programa de pesquisa desenvolve-se como uma perspectiva emergente e significativamente coesa que alimenta uma série de investigações, reuniões, publicações e outras atividades em torno de um conjunto de conceitos compartilhados. É um programa de escopo multi ou interdisciplinar, e os problemas de pesquisa, teorias, conceitos, métodos e estratégias são negociados entre os pesquisadores dos campos associados de conhecimento, constituindo redes que se estendem além dos tradicionais limites disciplinares, uma vez que os pesquisadores encontram outras áreas que trabalham com os mesmos objetivos, questões e temas. Novas questões de pesquisa, que poderiam ser tomadas como temas marginais ou irrelevantes para os fundamentos e as prioridades de uma disciplina, estimulam a criação de outras relações, fora dos limites disciplinares e das estruturas de poder estabelecidos que orientam a produção de conhecimento.

O que podemos perceber, e que procuraremos demonstrar ao longo do artigo, é que a antropologia da *performance* se debruça sobre aspectos expressivos, artísticos produzidos em sociedade, sem tratá-los me-

3 Fazemos aqui alusão ao título do livro clássico de Victor Turner (2005b), uma das principais referências dos estudos da *performance* em antropologia.

ramente como “objetos”, mas também como maneiras de estar no mundo, que tanto expressam e refletem quanto provocam novas experiências (Bauman, 1986; Turner, 1988). Nesse sentido, o campo em questão afasta-se cada vez mais das ideias de ciência ou de arte *strictu sensu*, insinuando-se em passos coreografados, filmados, cantados em direção à criação artística. Dawsey *et al.* (2013, p. 29) também constata a “mistura de gêneros”⁴ que caracteriza a antropologia da *performance*, cujos trabalhos “articulam diversas formas expressivas, como o mito, o rito, o filme etnográfico e o cinema de ficção”. Ligaremos, assim, a ideia de programa de pesquisa da antropologia da *performance* no Brasil à perspectiva de um programa da *performance* antropológica brasileira, que pressupõe o questionamento e o atravessamento das fronteiras tradicionais disciplinares, de saberes e do fazer científico.

O campo antropológico brasileiro vem passando por diversas transformações que, como defenderemos ao longo do texto, tanto impactam como também foram impactadas por algumas propostas diretamente ligadas à antropologia da *performance*. Em capítulo publicado recentemente no livro *O Campo da Antropologia no Brasil* (2018), Lia Zanotta Machado analisa o que intitula de dupla vocação do desenvolvimento da antropologia no Brasil:

1) prioridade da constituição de estudos sobre as minorias presentes na diversidade social e cultural da nação brasileira e defesa pública, diante do poder de Estado, dos direitos dessas minorias; e 2) constituição e desenvolvimento da pesquisa de qualidade na pós-graduação (Machado, 2018, p. 285).

A essas vocações, a autora soma uma terceira, um itinerário ou, ainda, uma provocação política: a internacionalização – realização de pesquisas em outros países, publicações em revistas internacionais e reconhecimento de nossa produção. Se adotarmos sua perspectiva, no caso das pesquisas no campo da antropologia da *performance*, poderíamos avançar um pouco mais em sua avaliação e afirmar:

- não fazemos pesquisa sobre minorias, mas com pessoas e grupos sociais, alguns dos quais se autodenominam “minorias”, e estes também têm produzido reflexões sobre suas próprias experiências, frequentemente de forma artística, performática. As pesquisas realizadas na antropologia da *performance* vêm sendo feitas em coparticipação e, muitas vezes, em coautoria com nossos interlocutores, pelo forte diálogo estabelecido com esses e pela divulgação dos resultados em formatos não necessariamente acadêmicos – como veremos detalhados a seguir –, tais como vídeos, performances e instalações;
- de fato, grande parte das pesquisas no campo em questão se dá na pós-graduação, embora também sejam notórias as parcerias com artistas sem, necessariamente, formação acadêmica;
- já no caso dos processos de internacionalização da produção no campo da antropologia da *performance*, esses parecem percorrer outros circuitos, menos acadêmicos e mais artísticos, reforçando a tendência de produção antropológica em outros formatos, ou seja, menos pela escrita, em periódicos científicos, e mais em festivais de cinema e vídeo do-

4 Os autores referem-se aqui ao artigo de Clifford Geertz (2000) “Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social”.

documentário e etnográfico, mostras, exposições, entre outros. Destaca-se, por exemplo, o *No Performance's Land*, um evento organizado em 2011, em Lisboa, Portugal, em uma parceria entre os antropólogos portugueses Paulo Raposo e Teresa Fradique (Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE-IUL) e os brasileiros John Dawsey (Universidade de São Paulo – USP) e Vânia Cardoso (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC). O evento contou com a participação de artistas e pesquisadores de diversos países, combinando conferências e *performances*, e posteriormente deu origem ao livro *A Terra do Não-Lugar: diálogos entre antropologia e performance* (Raposo et al., 2013). Recentemente (2019), Raposo organizou o *Corpos Dissidentes/Cidades Rebeldes: Arte(s), Antropologia(s) e Ativismo(s)*, um evento que reforçou os vínculos entre membros do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) do ISCTE – Lisboa, do Grupo de Pesquisa em Oralidade e Performance (GESTO) da UFSC e do Núcleo de Performance e Drama (NAPEDRA) da USP.

Embora não fuja às vocações mencionadas por Machado (2018), em razão da natureza subversiva e temporária da *performance*, esse campo repleto de encruzilhadas possivelmente as desestabilize, em um “efeito simológico” (Dawsey, 2016) que causa fissuras por meio das quais o campo deixe escapar certezas e possa se contaminar por outros campos, corpos, movimentos e teorias:

Na formação de um campo é preciso estar atento aos movimentos que ressoam com os sons e ruídos de processos criativos. Em foco, os deslocamentos capazes de subverter palcos, implodir tempos e f(r)iccionalizar corpos e personas. O corpo tem razões que a cultura desconhece. Primazia do sensível. Na busca por sentidos do mundo, a antropologia da performance se altera e se transforma numa antropologia em performance (Dawsey, 2016, p. 10).

Para tratar das nossas antropologias em *performance*, faremos um panorama histórico das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no país, atentando aos corpos e personas que as compõem.

Encruzilhadas históricas e conceituais

No Brasil, o programa de pesquisa da antropologia da *performance* vem sendo desenvolvido desde meados da década de 1990, relacionado aos estudos do ritual (Cavalcanti, 2013; Cavalcanti; Sinder; Lage, 2013; Dawsey, 2005; 2016; Langdon, 1996; 2007; Langdon; Pereira, 2012; Langdon; Wiik, 2008; Silva, 2005). Seu crescimento foi impulsionado em grande parte pelo retorno de pesquisadores de seus estágios de formação no exterior e pode ser constatado no surgimento de núcleos de pesquisa em universidades e na frequência, como veremos a seguir, de grupos de trabalho (GTs) em congressos de ciências sociais voltados para a discussão da relação entre *performance*, arte, identidade e sociedade. Todo esse movimento, a nossa “virada performativa”⁵,

5 Para mais informações sobre o assim chamado *performative turn* na antropologia, ver Conquergood (1989). Para Dawsey (2016): “A ‘virada performativa’, que ocorre em um conjunto amplo e variado de disciplinas, envolve uma mudança paradigmática. Questionando o texto-centrismo e a primazia das análises de estruturas sociais e simbólicas em diversos campos, pesquisadores voltam suas atenções para a ação humana e para o modo como os sentidos do corpo são mobilizados na significação do mundo”.

tem como forte característica a interdisciplinaridade, possivelmente alimentada pelas especificidades dos objetos em questão e de seus respectivos interlocutores. Esse campo interdisciplinar – e por vezes indisciplinado – parte de preocupações com a produção de ação simbólica e da prática expressiva e tem enfoque nos atores e no que eles estão produzindo e criando. No Brasil, esse programa de pesquisa combina uma multiplicidade de vozes e tradições acadêmicas e performativas. Se, por um lado, as tradições acadêmicas que nos servem de referência frequentemente têm sua origem no exterior (assumindo aqui contornos e características bem brasileiros), por outro lado, as tradições performáticas que inspiram nossos estudos são majoritariamente locais e específicas.

Interessadas em identificar as abordagens teórico-metodológicas da noção de *performance* nos estudos antropológicos brasileiros, realizamos, entre 2005 e 2006, uma pesquisa apoiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na qual tentamos identificar as várias linhas em desenvolvimento relacionado com o cruzamento de *performance* com antropologia⁶. Realizamos levantamento sobre publicações, grupos de pesquisa e eventos. Também fizemos entrevistas com alguns dos principais nomes dos estudos da *performance* no país naquele momento, tais como Regina Muller, John Dawsey e Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, Mariza Peirano e Gabriel Alvarez, da antropologia;

Zéca Ligiêro e Armindo Bião, das artes cênicas; Antônio Herculano, da história; e João Gabriel Teixeira, da sociologia.

A pesquisa indicou ainda a necessidade de desenvolvimento de um diálogo mais teórico e analítico no Brasil, já que grande parte das pesquisas se detinha na descrição das manifestações expressivas “sob as lentes da *performance*”, utilizando ferramentas analíticas frequentemente baseadas nos autores citados para compreender os eventos analisados. Naquele momento, percebíamos uma ênfase em apresentações de estudos de caso, nas quais os usos dos termos “performativo” e “*performance*” apresentavam conotações bastante variadas. Longe de representar um simples dissenso, essa variedade de usos e compreensões dos termos reflete, por um lado, a plasticidade destes, e por outro, talvez, a falta de conceitos antropológicos locais que dessem conta das poéticas e das políticas dos fenômenos expressivos. Também constatamos algumas reações contrárias à disseminação do conceito de *performance* no país e ao conseqüente crescimento do campo⁷.

Verificamos ainda que há uma diversidade de conceitos que vêm sendo utilizados nesse campo interdisciplinar. Para compreendermos as principais linhagens teóricas agenciadas pelos pesquisadores brasileiros, é importante compreender melhor as origens desse campo de estudos no exterior. O conceito de *performance* surgiu nas interfaces – ou, podemos retomar aqui, encruzilhadas – entre os estudos de sociedades

6 Auxílio de Pesquisa CNPq Edital CNPq 032/2004 “Antropologia da Performance — os marcos teórico-metodológicos nos estudos de *performance*”. Processo 402785/2004-5. Esther Jean Langdon Bolsa de Produtividade 301969/2007-8 1/03/2008-28/02/2011 Performance: Aspectos Teóricos, Estéticos e Políticos.

7 Por exemplo, ainda no âmbito do referido projeto, visando estimular um olhar analítico sobre o conceito, organizamos uma mesa-redonda, na Reunião Brasileira de Antropologia de 2006, com a participação de Jean Langdon, John Dawsey, Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti e Mariza Peirano. Esta, que trabalha com a noção de performatividade de Tambiah (Peirano, 2001), questionou fortemente o valor e o emprego do conceito *performance* (Peirano, 2006).

complexas e os estudos sobre ritual, teatro e linguagem como comunicação. Milton Singer (1972) introduziu o termo “*performance* cultural” como uma proposta conceitual e metodológica para o estudo das sociedades complexas, partindo de um estudo de caso na Índia (Camargo, 2013). *Performances* culturais são gêneros performativos não limitados ao teatro ou a concertos, reconhecidos no mundo ocidental, pois também incluem ritos, rezas, cerimônias, festivais, casamentos etc. São eventos artísticos e culturais marcados por um limite temporal, uma sequência de atividades, um programa de atividades organizado, um conjunto de atores ou *performers*, plateia, local específico e motivação para a *performance*. *Performances* podem ser observadas em uma experiência direta e única e, ainda mais importante, são compostas de “mídia cultural”, o que Singer (1972, p. 71) descreve como meios de comunicação que incluem não só a linguagem falada, mas meios não linguísticos, tais como cantos, dança, interpretações performativas, artes gráficas e plásticas. Ampliando a noção de rito para “*performance* cultural”, o autor pretendeu compreender a complexidade das sociedades por meio da observação dos eventos que seus próprios grupos sociais produzem e expressam.

Enfatizando a *performance* como prática e realização criativa, Dell Hymes (1975) faz a seguinte sistematização:

- A *performance* realiza, concretiza, faz passar algo que eu reconheço, da virtualidade à atualidade;
- A *performance* situa-se em um contexto ao mesmo tempo cultural e situacional. Nesse contexto, ela aparece como uma “emergência”;
- A *performance* é uma conduta na qual o sujeito assume, aberta e funcionalmente, a responsabilidade e é um compor-

tamento que pode ser repetitivo sem ser redundante, semelhantemente ao que Schechner (1988) define como “comportamento restaurado”;

- A *performance* modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação. Comunicando, ela os marca.

Já o conceito de *performance* de Richard Bauman, proposto na década de 1970, parte das abordagens de Singer e de Dell Hymes, mas avança, enfocando especificamente a interação entre os atores na construção dos eventos e suas implicações poéticas e políticas (Bauman, 1977). Formado em estudos de folclore, sociolinguística e antropologia, ele define esse conceito-método nas linhas de Singer por meio da definição dos elementos que compõem uma *performance*: *keying* (ou enquadramento), *display* (ou demonstração), competência e avaliação. Porém, sua abordagem prioriza os aspectos estéticos, poéticos e políticos (relacionados ao poder) das *performances* e ressalta a experiência em relevo e a qualidade emergente destas (Bauman, 1975; 1992; 1977; 2000; Langdon, 1996). Na parceria que desenvolve com Charles Briggs (Bauman; Briggs, 1990; 2003; 2006; Briggs; Bauman, 1992), percebe-se que há maior ênfase na criatividade e na inovação que ocorre durante os eventos de *performance* e menos em seus aspectos normativos. Procuram olhar *como* as culturas constroem e produzem seus gêneros particulares de *performance* nos seus contextos específicos. De acordo com Langdon (1999), quando a cultura passa a ser considerada como dinâmica e emergente, na junção do campo da interação simbólica (Goffman, 1983) com a antropologia simbólica e com a etnografia da fala, surgem os estudos da *performance* em antropologia.

Complexificando a proposta de Bauman, Schieffelin (1985) reforça que as análises de *performance* chamam atenção para o temporário, o emergente, a poética, a negociação de expectativas e a sensação de estranhamento do cotidiano. Já Tambiah (1985), outra referência importante no Brasil, em sua discussão sobre a abordagem performativa do rito, faz a distinção entre a análise cultural e a análise formal, distinção que se aproxima da que fazemos entre o conteúdo semântico e a experiência estimulada pelos mecanismos poéticos da *performance*. Tambiah também teve influência no cruzamento entre política e rito, introduzido no Brasil por sua aluna Mariza Peirano, por meio de seu projeto de análise política de ritos, que inaugurou uma série de etnografias de eventos performativos (Peirano, 2001)⁸.

Por sua vez, a abordagem dramaturgica de Victor Turner (1982; 1988; 2005a), incrementada em sua parceria com o diretor de teatro Richard Schechner e fundador dos Performance Studies da Tish School of Art em Nova York, possivelmente tenha sido a que causou – e ainda causa – maior impacto na antropologia simbólica e, subsequentemente, nas pesquisas sobre *performance* no Brasil (Cavalcanti, 2012; 2013; Cavalcanti; Sinder; Lage, 2013; Dawsey, 1997; 2000; 2005; 2013; 2016; Dawsey, 2018; Mül-

ler, 2005)⁹. Nos últimos anos de sua vida, Turner desloca sua preocupação dos ritos nas sociedades tribais para temas como *performance*, experiência e subjetividade nas sociedades complexas¹⁰. Partindo da noção de *performances* culturais de Singer, ele enfoca os espaços *liminoides*¹¹ de *performances* e suas relações com a sociedade e o Estado: as rupturas e descontinuidades, o imprevisto ou indeterminado, a marginalidade, a polifonia de vozes, a subversão, a subjetividade e a transformação contínua. Assim como Turner, Schechner (1985; 1993) também enxerga a *performance* como um entrelaçamento entre elementos do ritual e do teatro. Inspirado nas distintas fases do processo, Turner (1974; 1981) define os dramas sociais como situações de “desordem” que se iniciam com uma ruptura/quebra da normalidade, seguida pelas fases de crise, reparação e reintegração. Quando os interesses dos grupos e/ou indivíduos que partilham valores e histórias comuns se encontram em oposição, ocorre uma quebra no ritmo das relações cotidianas e o drama social consiste no processo de vivência e resolução desse conflito. De acordo com Turner, há relação de reciprocidade entre os dramas sociais de um grupo e as suas *performances* culturais. Já Schechner (1985) recorre ao símbolo do infinito (*infinity-loop model*) para pensar as

8 Apesar de, como notamos previamente, Peirano criticar a adequação de “*performance*” como conceito. Suas pesquisas e as de seus alunos, nessa coletânea sobre *performances* rituais-políticas no Brasil, compartilham abordagens, conceitos e autores comuns à antropologia de *performance* (Austin, Goffman, Gumperz, Jakobson, Tambiah, Silverstein).

9 Uma causa provável para essa influência é o fato de que as obras de Turner já eram conhecidas no Brasil na década de 1970, com a primeira tradução de *O Processo Ritual* publicada em 1974. No entanto, as últimas obras de Turner, nas quais ele desenvolve mais claramente a relação com estudos da *performance*, só foram publicadas recentemente: *Dramas, campos e metáforas*, em 2008, e *Do ritual ao teatro*, em 2015. Já a primeira tradução de um artigo de Bauman e Briggs só foi publicada em 2005 (Bauman; Briggs, 2006). Até o momento, nenhuma obra completa desses autores foi publicada no país. O mesmo ocorre com as obras de Schechner: de toda sua vasta obra, estão disponíveis apenas alguns artigos traduzidos recentemente e uma coletânea (Schechner, 2012b).

10 Para maior aprofundamento no diálogo da antropologia simbólica com a antropologia da experiência, ver Dawsey (2005) e Langdon (2007).

11 Liminoide seria o equivalente, na *performance*, ao período liminar, no ritual (ver Turner, 2015).

interações contínuas entre dramas estéticos e “dramas sociais”¹².

Origens e desenvolvimento do campo no Brasil: criando nossas próprias encruzilhadas

Com base na análise das entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa mencionada e da já vasta bibliografia produzida pelos antropólogos brasileiros no campo da antropologia da *performance*, podemos constatar, em linhas gerais, dois caminhos que se encontram: um traçado por Turner e Schechner, e o outro, por Bauman e Briggs.

A vertente Turner-Schechner foi introduzida mais fortemente no país a partir de 1995, com a realização, em Brasília, do I Seminário Nacional Performáticos, Performance e Sociedade, organizado pelo sociólogo João Gabriel Teixeira, que havia voltado de um pós-doutorado com Schechner, em Nova York. Inspirado pelos *performance studies*, Teixeira e os membros do Laboratório Transdisciplinar de Estudos sobre a performance (TRANSE) reuniram em três dias um conjunto de artistas, *performers*, atores, pesquisadores e professores de vários campos, incluindo artes cênicas, sociologia e antropologia, em uma programação que combinava mesas-redondas com *performances* (Teixeira, 1996). Esse seminário foi um marcador importante do programa de pesquisa sobre *performance* como campo interdisciplinar que estava surgindo no país. Nesse evento, participaram nomes que contribuíram na

construção e na consolidação dos estudos da performance no Brasil, tais como Arminho Bião (Teatro – Universidade Federal da Bahia – UFBA), Bia Medeiros (Artes Visuais – Universidade de Brasília – UnB), Jean Langdon (Antropologia – UFSC), Renato Cohen (Teatro – USP), Regina Muller (Dança – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp), Rita Gusmão (Teatro – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), entre outros¹³. A *performance* antropológica brasileira no campo da antropologia da *performance* começa, com esse evento, a desenvolver marcadores fortemente ligados ao diálogo entre o fazer artístico – em alguns casos, por parte dos próprios antropólogos – e o estudo deste.

Já a vertente Bauman-Briggs, ligada a uma abordagem performática da linguagem, foi introduzida sobretudo pelos trabalhos de Esther Jean Langdon e de seus orientandos, ainda nos anos 1990 na UFSC, sobre xamanismo, ritual e arte (Langdon, 1996; 1997; 1999). Longe de serem excludentes em sua perspectiva conceitual, o grupo tem passado por transformações nos últimos 20 anos, com a fundação formal do GESTO e a inclusão de pesquisadores de outras tradições analíticas e interesses. O português Paulo Raposo, por exemplo, mencionado anteriormente, vem dando importantes contribuições para as atividades desse grupo e, hoje, perspectivas dessa vertente dialogam e se combinam criativamente nas pesquisas brasileiras.

Como consequência daquele primeiro evento, em menos de dez anos já se podia contabilizar um número considerável de

12 O livro *Performance: uma introdução crítica*, de Marvin Carlson, publicado no Brasil em 2010, traz uma relevante revisão das principais teorias da *performance*, em diversos campos artísticos e/ou científicos.

13 Em 1997, ocorreu o II Seminário Nacional sobre Performance, Performáticos e Sociedade, na UFBA, em conjunto com o III Colóquio Internacional de Etnocologia (ver Teixeira; Gusmão, 2000). Para mais informações sobre as relações entre os estudos da *performance* e a etnocologia, ver Bião (2011).

grupos e núcleos de estudos de *performance*, tais como o NAPEPORA, criado em 2001, na USP, com a experiência de John Dawsey com Richard Schechner, e o já mencionado GESTO, criado em 2004 na UFSC, mais ligado à segunda vertente, bem como diversos outros, tanto na área do teatro – tais como o Núcleo de Estudos das Performances Afroameríndias (NEPAA – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO) e o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade (GIPE-CIT) da UFBA – quanto na antropologia, como o Núcleo de Estudos de Arte, Ritual e Performance (NUARP) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mais recentemente, encontramos a Rede de Pesquisa em Performances Culturais, da Universidade Federal de Goiás (UFG); o Grupo de Estudos em Educação, Teatro e Performance (GETEPE), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o FATUMBI: Núcleo de Performance, Memória e Religiosidades, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), entre outros. Para esses grupos convergem pesquisadores que desenvolvem pesquisas sobre e com *performances* que cruzam a perspectiva antropológica com os campos artísticos e literários.

Os dois grupos de pesquisa alojados em programas de pós-graduação em Antropologia foram responsáveis por diversos eventos, enfatizando a interdisciplinaridade e a realização de performances, por parte de pesquisadores, interlocutores e convidados durante sua programação. Entre esses eventos, podemos citar as quatro edições do Colóquio Antropologias em Performance, organiza-

das pelo GESTO, em 2009¹⁴, 2012, 2015 e 2018; o I Encontro Nacional de Antropologia da Performance (ENAP), realizado em 2010; e o Encontro Internacional de Antropologia da Performance (EIAP), de 2011, os dois últimos organizados pelo NAPEPORA¹⁵. Reforçando nosso argumento em relação às principais filiações teóricas dos respectivos grupos (sem excluir seus frequentes diálogos e trocas), devemos mencionar que a edição de 2009 do Colóquio Antropologias em Performance contou com a presença de Richard Bauman, em sua primeira vinda ao país, e que em 2012, Richard Schechner fez uma visita de dez dias ao NAPEPORA. Esses eventos, além de possibilitarem estabelecer diálogos e parcerias entre grupos e pesquisadores brasileiros, também têm promovido trocas diretas com pesquisadores de fora do país, cujo alcance é notoriamente ampliado com a tradução de algumas de suas obras (Bauman; Briggs, 2006; Bauman, 2009; 2014; Brandstetter, 2011; Fischman, 2009; Gómez-Peña, 2013; Schechner, 2011a; 2011b, 2012a, 2012b; 2013; 2014; Taylor, 2013a; 2013b), bem como com publicações de entrevistas e artigos deles (ver Abreu, 2018; Dawsey, 2011; 2018; Raposo, 2010; 2013; 2014; 2015; 2016).

Nesse contexto, outro ponto que merece destaque foi a criação, em 2012, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, na UFG, o primeiro com essa característica na América do Sul. Congregando pesquisadores das áreas das artes cênicas e da antropologia, entre outras, esse PPG vem se salientando no cenário nacional pela produção de um *corpus* de pesquisas, de caráter artístico e/ou etnográfico, sobre

14 O evento contava com *performances* e trabalhos acadêmicos; estes foram publicados em um dossiê especial da *Ilha — Revista de Antropologia*, em 2009 (Cardoso, 2009).

15 Em 2013, o NAPEPORA publicou uma importante coletânea de textos apresentados nesses eventos (Dawsey *et al.*, 2013; Ferreira; Muller, 2010).

performances culturais brasileiras (Camargo, 2017; Camargo; Reinato; Capel, 2011; Camargo; Cunha; Correia, 2015; Camargo *et al.*, 2019; Correia; Camargo, 2016). Seus Seminários Internacionais de Performances Culturais vêm promovendo significativas colaborações e debates entre diferentes pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

A encruzilhada em número e fatos: a consolidação do campo no país

Visando compreender como a relação entre antropologia e *performance* vem se constituindo e dialogando no quadro da produção antropológica brasileira, lançamos um questionamento: o que tem levado ao grande crescimento do interesse das pesquisas antropológicas brasileiras pelos estudos da performance, em suas variadas perspectivas (teóricas e metodológicas; como objeto de estudo e produção de conhecimento)? A pergunta possibilita muitas respostas. Talvez a mais simplista relacionaria a profusão de pesquisas às características festivas, expressivas e performativas fartamente presentes de norte a sul do Brasil. A arte, a festa, a dança, a narrativa – entre outras – despertam interesse porque seriam formas de *O que faz o Brasil, Brasil*. São expressões da experiência brasileira¹⁶ que refletem a multiplicidade dos modos de ser nesse país do tamanho de um continente e com diversidade sem igual na América Latina. Outra resposta enxergaria na concretude e na multiplicidade das *performances* estudadas uma possibilidade de

conhecer as tensões, as fricções e as ambiguidades históricas e as provocações, as críticas e as reflexões que permitem uma leitura mais acurada das intensas transformações políticas e sociais vividas no país nas últimas décadas. Há ainda uma terceira possibilidade de resposta – esta, talvez, a que mais faça sentido, pois complementa as anteriores: a antropologia da *performance* permite que antropólogos e antropólogas não apenas conheçam o que seus interlocutores pensam, o que fazem e como fazem, mas também repositiva, nessa relação de troca, a própria prática antropológica. Nessa perspectiva, o debate desloca o próprio lugar do antropólogo, de “tradutor” de experiências, para mediador e criador, aquele que promove e participa de encontros performáticos, nos quais os sujeitos da pesquisa falam, cantam, dançam, contam com suas próprias palavras e com seus próprios corpos. Aqui entram em debate outros formatos de registro, produção e divulgação que não se limitam à escrita, e daí o frequente uso de recursos de áudio, fotografia, desenho e vídeo – e, mais recentemente, também de performances em tempo presente – nas pesquisas antropológicas sobre e com formas artísticas/expressivas.

Levantadas essas hipóteses, lançamos uma segunda questão: quais são as evidências do crescimento do programa de performance no Brasil? Procuramos responder a ela com o levantamento de alguns dados importantes. Começamos pelo número de teses e dissertações defendidas no Brasil desde o ano 2000, disponíveis no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal

16 Roberto Da Matta (1979), autor da frase evocada, sugere, em grande medida por meio da relação estabelecida com Victor Turner, que o domínio do ritual é a “região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade”. Foi por meio de manifestações expressivas como o carnaval, as paradas militares e as interações sociais que ele explorou a cultura brasileira. A convite de Da Matta, Turner passa uma curta temporada no Brasil, em 1979. Sobre o legado de Turner à antropologia brasileira, ver Cavalcanti, Sinder e Lage (2013).

de Nível Superior (CAPES)¹⁷. Utilizando as palavras-chave que encontramos na encruzilhada entre *performance* e antropologia, buscamos as teses identificadas com o campo. Na antropologia da arte, foram encontradas 60 referências; na antropologia da música, 15; na etnomusicologia, 539 (aqui, um dado importante é que grande parte dessas referências é defendida em programas na área de música); na antropologia da *performance*, especificamente, 52; na antropologia visual, 161; e, na antropologia da dança, 11. Com esses parâmetros, foram encontradas 838 teses e dissertações – algumas aparecendo como resultado em mais de uma busca. É um número significativo, sobretudo se considerarmos que, com o termo geral “antropologia”, constam 8.938 referências. Em números aproximados, portanto, chega-se a quase 10% da produção total da área.

Já na consulta ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, verifica-se, na grande área da antropologia, atualmente, existem 42 grupos cadastrados com a palavra-chave “*performance*”. Se ampliarmos a busca para aquelas áreas que, como têm demonstrado nossas pesquisas, frequentemente partilham de encruzilhadas com a antropologia da *performance*, encontramos: 14 grupos cadastrados com a palavra-chave “antropologia da arte” e 84 com o termo “arte”; 21 grupos com o termo “música” e 12 com “etnomusicologia”; 25 com o termo “dança”, 28 com a palavra-chave “antropologia visual” e 51 registros com o termo “imagem”. Nota-se aqui que os grupos também estão cadastrados com mais de uma palavra-chave e que, por esse motivo, podem constar de mais de um dos resultados encontrados. Considerando que o total de grupos de pesquisa registrados na área de antropologia é de 531 (entre todos os certificados e não

atualizados, os resultados listados anteriormente permitem inferir, portanto, que uma parcela considerável desses grupos tem dado ênfase às pesquisas com e sobre *performance*, em suas múltiplas linguagens e acepções).

Outro dado que permite demonstrar com bastante clareza a relevância das pesquisas antropológicas na encruzilhada entre *performance* e antropologia no Brasil é a quantidade de atividades organizadas nas Reuniões Brasileiras de Antropologia (RBAs) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) desde o ano 2000. Somente nas RBAs, identificamos mais de 45 GTs ou Fóruns de Pesquisa (FP), cerca de 20 mesas-redondas, além de diversas sessões de comunicações coordenadas, oficinas e de programação especial com intervenções performáticas. Como mencionado anteriormente, para além das atividades organizadas nessas associações, constata-se também a realização de eventos específicos que aprofundam a relação entre antropologia e os estudos da *performance* no Brasil.

Verifica-se o aprofundamento do debate entre *performance* e antropologia no país também a partir da criação e da publicação de periódicos específicos, que têm aumentado significativamente nos últimos anos. Na convergência dos estudos entre arte, *performance* e imagem temos a pioneira *Sexta-Feira*, cuja primeira edição foi lançada em 1997 e que explorou distintos estilos de linguagem escrita e visual. Podemos encontrar ainda a *PROA – Revista de Antropologia e Arte*, editada pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)-Unicamp desde 2009, os *Cadernos de Arte e Antropologia* (CAA), editados pela UFBA desde 2012, e a *GIS – Gesto, Imagem e Som – Revista de Antropologia*, publicada pela USP desde 2016.

17 Todas as buscas foram feitas com a palavra-chave entre aspas, com filtro nos anos de 2000 a 2018.

Diversos periódicos da área de antropologia também têm publicado dossiês que refletem o interesse no aprofundamento do debate sobre as manifestações artísticas. Entre esses, salientamos os dossiês publicados pela revista *Horizontes Antropológicos*, da UFRGS, como “Cultura Oral e Narrativas” (1999), “Antropologia da Performance” (2005) e *Antropologia e Arte* (2008). Para 2019, está prevista a publicação de um dossiê sobre Arte e Cidade. A *Ilha – Revista de Antropologia*, da UFSC, também já publicou dois dossiês intitulados “Antropologias em Performance”, em 2009 e em 2011, respectivamente, fruto dos trabalhos apresentados nos colóquios de mesmo nome, já mencionados. A *Antropolítica*, da UFF, publicou, em 2012, um dossiê sobre antropologia da dança, e a *Revista de Antropologia*, da USP, publicou um dossiê sobre antropologia da *performance*, em 2013, resultado dos trabalhos apresentados no Encontro Internacional de Antropologia da Performance (EIAP). A *Sociedade e Estado*, da UnB, publicou, em 2014, um dossiê sobre estudos da *performance*. No mesmo ano, foi publicado o dossiê “Dança e Culturas Populares”, na *ACENO – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*. O dossiê intitulado “Música e Festa” foi publicado na *Anthropológicas*, em 2015. Já a *Vibrant* publicou, em 2017, o dossiê “Ritual and Performance”. Finalmente, pode-se mencionar ainda as apresentações de Renata de Sá Gonçalves e Patrícia Silva Osório aos dossiês “Antropologia da Dança” (2012) e “Dança e Culturas Populares” (2014), que debatem a relação entre dança e sociedade, e que procuram situar o histórico dessas referidas pesquisas, no Brasil e no exterior, traçando um panorama das recentes produções brasileiras. Dialogando fortemente com a antropologia da *performance*, o livro de Marianna Monteiro (2011) e os quatro

volumes de antropologia da dança, organizados por Giselle Camargo (2013; 2015a; 2015b; 2018), e os artigos de Heloísa Gravina (2005; 2009; 2012) também são uma importante referência nesse campo.

Também em diálogo com a antropologia da *performance*, encontramos na antropologia visual o artigo “Antropologia da Imagem no Brasil: experiências fundacionais para a construção de uma comunidade interpretativa”, de Cornelia Eckert e Ana Luíza Carvalho da Rocha, publicado em 2016, que enfoca as experiências com o ensino e a pesquisa antropológica *com e através* das imagens em diferentes instâncias acadêmicas e não acadêmicas correlacionadas, tais como: as pesquisas realizadas nos Programas de Pós-Graduação e Núcleos de Pesquisa, a realização de eventos, festivais e mostras de filmes e vídeos etnográficos, a publicação de periódicos científicos e premiações na área.

Para onde conduzem nossas encruzilhadas?

Atualmente, como resultado da profusão do campo, várias coletâneas, livros e artigos têm sido produzidos, demonstrando a variedade de abordagens do conceito de *performance* no país, frequentemente com críticas, revisões, ampliações e novas perspectivas sobre os referenciais estrangeiros anteriormente citados.

Vejam agora como alguns dos protagonistas brasileiros na antropologia de *performance* têm se servido do conceito como objeto de estudo, categoria analítica, proposta metodológica e possibilidade epistemológica, forma de organização, expressão, criação e, também, transformação de experiências.

John Dawsey, por exemplo, propõe uma análise de mão dupla com base na antropo-

logia da *performance* desenvolvida por Victor Turner: se esta é sugestiva para analisar o que chama de “teatro dos boias-frias”, também o teatro de canaviais e carrocerias de caminhões é sugestivo para repensar questões que emergem nas interfaces entre performance e antropologia (Dawsey, 2005, p. 16). Desafiando a ideia de que, assim como rituais, os dramas sociais configuram momentos extraordinários, de quebra do cotidiano, Dawsey propõe um olhar “às margens das margens”:

se o conceito de “drama social” privilegia um conhecimento que se adquire nos momentos extraordinários do cotidiano, o teatro, ou melhor dizendo, o metateatro dos “bóias-frias” pode provocar o efeito inverso. Ilumina-se nesses palcos o lado cotidiano do extraordinário. (Dawsey, 2005, p. 30).

Em uma perspectiva semelhante, pensando a performance também enquanto desordem inserida no dia a dia, a partir das erupções do “povo da rua” (malandros, pombas-gira etc.), no cotidiano e na paisagem, Vânia Zikán Cardoso problematiza a abordagem de Bauman e Briggs, e questiona: se a *performance* é momento privilegiado de reflexão, como podemos pensar a dimensão performática, logo reflexiva, do cotidiano?

A ênfase teórica e etnográfica no enquadramento das performances acentua sua distinção em relação ao cotidiano em termos de uma dimensão reflexiva, de uma percepção acentuada que marca a performance e que leva à avaliação e ao comentário (Bauman e Briggs, 1990: 73). Se por um lado essa caracterização abre caminho para pensarmos a performance como um momento privilegiado de crítica ao social (ibid.), por outro lado ela leva à articulação de um exterior à performance então caracterizado como

o lugar do ‘não-reflexivo’. Se o cotidiano é esse exterior, ele aqui se torna naturalizado enquanto suposto fluxo ordinário do social (Cardoso, 2006).

Explorando a relação ou os “pontos de contato entre teatro e antropologia” propostos e posteriormente “revisitados” por Richard Schechner (2013), encontramos, por exemplo, as pesquisas de Rubens Alves da Silva e de Luciana Lyra. O primeiro evoca os seis pontos de contato como possibilidade metodológica a seguir na análise do fenômeno das congadas de Minas Gerais (Silva, 2005, p. 63). Já Luciana Lyra (2010) busca traçar o que chama de “pontes e pontos de contato” entre o cavalo-marinho, manifestação tradicional de Pernambuco, e a arte da *performance*. A novidade aqui é que a autora aborda ambos como *performances* culturais e procura sistematizar os elementos que permitiriam sua aproximação do ponto de vista analítico. Em outro trabalho desenvolvido na mesma região, com pescadeiras de ostras do mangue, Lyra (2013) apresenta um novo conceito, o de artetnografia, a partir do qual enfatiza a relação entre os diferentes sujeitos que se encontram em uma pesquisa: “não se traduz apenas em olhar, escutar, escrever, atuar a partir do outro. É, acima de tudo, uma trama entre o ator e este outro, uma trama sempre performática por ter o corpo como topos da experiência de afetos no exercício das relações” (Lyra, 2013, p. 408).

Ao questionar também a própria *performance* em campo, Francirosy Ferreira (2013), que faz uma “antropologia da *performance* islâmica”, pergunta-se: antropólogos também constroem personagens? Recorrendo à obra de Michael Taussig, outra importante referência do campo, que considera que o conhecimento é corporal, sensorial, por uma compreensão que se dá por meio dos

corpos (mimeses), a autora afirma: “Estou certa de que o aprendizado do pesquisador é, sobretudo, corporal. Nesse sentido, é preciso ‘desconstruir’ o corpo para ‘adaptá-lo’ ao ambiente de pesquisa. Cada campo nos possibilita diferentes entradas e diferentes percepções” (Ferreira, 2013, p. 291).

Procurando estabelecer um diálogo entre as diferentes vertentes da antropologia da performance (a perspectiva linguística e a perspectiva dramatúrgica), Luciana Hartmann (2005) propõe a análise das performances narrativas de contadores de “causos” da região de fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai com base em duas abordagens: da performance como espetáculo e da performance como desempenho. A primeira configura-se como um momento extracotidiano, com clara demarcação de início e fim, utiliza a linguagem poética e envolve grande engajamento corporal e vocal do narrador; já a segunda participa do fluxo do cotidiano e revela aspectos semelhantes à primeira, porém de forma menos evidente, pois a ênfase é colocada na expressão de determinadas experiências vividas pelo narrador, embora os aspectos poéticos e reflexivos também se façam presentes. Assim como Esther Jean Langdon, Vânia Z. Cardoso e Danilo P. Ramos (entre outros), Hartmann (2011a), em suas pesquisas, tem se dedicado a enfrentar o desafio de textualizar as inflexões verbais, vocais e corporais dos narradores, preservando os elementos contextuais dos eventos narrativos em questão.

No artigo “Conflitos de pressupostos na Antropologia da Arte: Relações entre pessoas, coisas e imagens”, publicado em 2017, Pedro Cesarino aponta os diversos dilemas conceituais presentes no debate do campo, entre os quais aqueles referentes à própria categoria “arte” e dois de seus pressupostos

fundamentais: a noção de objeto e a noção de sujeito criador. No cerne desses dilemas, voltamos a um tema caro à antropologia da tradução pressuposta na produção de conhecimento etnográfico: como compreender as diversas formas de produção de sentido? O autor aponta para a produção de uma zona de complexidade, motivada por formas distintas de expressão: pela imagem, pela palavra ou pela materialidade. Segundo ele, “é isso que produzirá efeitos em um campo de reflexão que, talvez, não seja mais propriamente nosso ou dos outros, mas sim constituído pela conexão entre distintas capacidades” (Cesarino, 2017, p. 13).

Essa “conexão entre distintas capacidades” pode ser percebida claramente tanto em processos quanto em alguns produtos de pesquisas antropológicas que envolvem o campo da arte. O Projeto Vídeo nas Aldeias, que desde 1986 se dedica à formação de cineastas indígenas, de 40 etnias brasileiras, bem como à produção e à divulgação de seus filmes e ao apoio à luta por seus direitos culturais e territoriais, atualmente conta com mais de 8 mil horas de imagens em seu acervo e é um bom exemplo disso¹⁸. A última edição da *GIS – Gesto, Imagem e Som*, da USP (v. 3, n. 18, 2018), também aborda essa “conexão entre distintas capacidades” em seu dossiê “Olhares cruzados”, que discute experiências audiovisuais colaborativas realizadas em área indígena, entre cineastas indígenas e antropólogos que relacionam protagonismo indígena, produção compartilhada, arte, antropologia e política. Esses são apenas alguns exemplos, entre muitos outros que poderíamos mencionar. Em comum, pode-se perceber o engajamento desses antropólogos em debates que envolvem seus próprios corpos e *performances* no encontro antropológico.

18 Informações sobre o projeto podem ser acessadas em: <<http://videonasaldeias.org.br/>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

Também é possível constatar que no campo da etnologia e dos estudos com povos indígenas há proeminência dessas produções compartilhadas, e é essa reflexão que põe ênfase nas condições e na viabilidade da tradução. O enfoque performativo permite examinar como as identidades indígenas são expostas por meio das artes performáticas e dos eventos rituais e políticos, com a utilização de multimídias. Exemplos importantes são o uso de novas tecnologias para a recriação de tradições e expressões da identidade para a sociedade mais ampla (Gallois; Carrelli, 1995a; 1995b; Gallois, 2000; 2007; 2014). As pesquisas examinando a identidade indígena e suas apresentações públicas por meio das artes performáticas também têm aumentado na última década, enfocando as *performances* indígenas e sua relação com movimentos de afirmação étnica, etnogênesis, situações conflituosas e políticas públicas (Langdon; Wiik, 2008; Langdon, 2016a; 2016b; Santos, 2014; Macedo, 2011; Andrade, 2002; Grünwald, 2005; Hanna; Langdon; Vanclay, 2016; Neves, 2005). Já Edgar Teodoro da Cunha (2013), ao pesquisar o ritual fúnebre bororo, enfatiza a “mistura de gêneros” já mencionada, trabalhando na interseção entre os estudos da *performance* e o filme etnográfico e defendendo as possibilidades heurísticas do uso da imagem para análise do ritual. Partindo da premissa de que o filme se constrói com base em um discurso híbrido e que é fruto da troca de olhares e projetos, o autor aborda, a partir das diferentes performances realizadas pelos autores (incluindo o antropólogo), o caráter reflexivo dessa relação.

Nos últimos 20 anos, as reflexões nas etnografias e discussões sobre festas, xamanismo e a produção ritual como comunicação com o mundo não humano e invisível deram continuidade às discussões sobre arte relacionada ao corpo, à percepção e ao conhecimento. Nessa perspectiva, a arte indígena é uma arte performativa multissensorial que constrói mundos, articulações e opera transformações nas relações entre corpos, artefatos, música e seres humanos e não humanos (Barcelos Neto, 2009; 2011; 2016; Lagrou, 2009; 2018; Langdon, 2015; Montardo, 2009; 2010a; 2010b; 2010c; 2018; Wauja *et al.*, 2016).

No tema da tradução da poética, o enfoque tem se deslocado da problemática norte-americana de como traduzir fielmente os mecanismos poéticos da arte verbal (Langdon, 1997; 1999) para outras questões trazidas pelo movimento ontológico-perspectivista e as interfaces entre a linguística, a etnologia e os estudos literários (Cesarino, 2012; 2017; 2018; Ramos, 2018; Ramos; Epps, 2018). As poesias ameríndias representam outros regimes de pensamento, e o problema de tradução (ou retradução) é menos de entender as características formais reconhecidas pelo conceito ocidental de poética e mais de reconhecer a múltipla *posicionalidade* e polifonia das suas poéticas (Langdon, 2017a; 2018a; 2018b; Macedo, 2012; Schuler Zea, 2008; 2012; 2016; Stallaert; Schuler Zea, 2012)¹⁹. As artes performativas indígenas são reconhecidas como formas de memória e conhecimento (Fausto; Franchetto, 2008; Fausto; Franchetto; Montagnani, 2011; 2013; Gallois, 2012; Vieira, 2008) pertinentes para sua luta pela garantia

19 Além dessa discussão mais acadêmica, os povos indígenas estão realizando seu próprio movimento de descolonização por meio da pesquisa, da tradução e do registro de suas traduções orais (Andrello, 2010; Maxakali; Rosse, 2012). Essas publicações, além de registrarem o patrimônio imaterial do grupo, frequentemente são utilizadas em projetos de educação indígena locais.

de direitos nas políticas públicas brasileiras (Langdon, 2017b; 2018c).

Outro aspecto importante, que emerge do campo, é a perspectiva crítica da linguagem e da vida social, que trata da relação entre a linguagem e as representações dos outros (os “nativos”). Enquanto essa relação pode ser analisada no discurso das comunidades pesquisadas, também deve ser a base para uma reflexão crítica sobre a poética e a política da escrita etnográfica (Bauman; Briggs, 2003; Cardoso, 2007a; 2007b; 2017; Cardoso; Head, 2013a; 2013b; 2015; Hartmann, 2005; 2009; 2014; Langdon, 1999; 2013).

Há que se notar também o crescimento, no âmbito das culturas urbanas e de periferia, de pesquisas e de seus respectivos resultados por meio de partilhas concretas, que se utilizam de meios expressivos (*performances*), audiovisuais (vídeos, filmes, hipertextos), paisagens sonoras e/ou experimentos em etnoficção (Castro, 2012; Devos, 2014; Devos; Vedana, 2010; Devos; Vedana; Barbosa, 2016; Ferraz, 2008; Head; Gravina, 2012; Hikiji, 2010; Hikiji; Caffé, 2014; Boudreault-Fournier; Caiuby Novaes; Hikiji, 2016; Silva, R. A., 2008; Vedana, 2010; 2011; 2018; Oliveira, 2007; Monte-Mor, 1995).

De todos os elementos elencados anteriormente, o que se pode depreender, em uma mirada a “olho nu”, é que há um inegável investimento dos(as) antropólogos(as) brasileiro(as) e das respectivas instituições aos quais estão ligados(as) em pesquisas sobre e com *performance* e seus respectivos autores/criadores. Em uma mirada mais microscópica, é possível perceber um engajamento desses(as) mesmos(as) antropólogos(as) em estreitar, adensar e enriquecer as relações que estabelecem com seus interlocutores por meio da arte, em processos que frequentemente passam a ser de cocriação. Ou seja, os “produtos” de nossas pesquisas são resul-

tados de processos assumidamente coletivos e colaborativos. As tão proclamadas “vozes” de nossos interlocutores surgem com seus timbres, tons e cores próprias. Deixamos de ser mediadores e assumimos nosso papel, dependendo do contexto, de espectadores ou de cocriadores.

Verifica-se, portanto, com base no panorama exposto anteriormente, que a antropologia da *performance* tem explorado, inovado e avançado em relação aos métodos e às técnicas de pesquisa utilizados. Se, a princípio, o desenvolvimento teórico do campo parece não seguir o mesmo ritmo, talvez devamos fazer um exercício de abertura epistemológica que permitiria perceber que, aqui, o método também se transforma em teoria – ou mais ainda: ele é a teoria. Nesse sentido, podemos pensar que a própria etnografia, “enquanto forma de imersão e partilha, enquanto método de transformação e de vivência liminar, que permite quer a assimilação de novos pontos de vista, quer a experimentação de novos modelos e padrões estéticos” (Campos; Zoetl, 2012, p. 7), provocaria essa ênfase e expansão do campo em termos metodológicos. Na esteira dessa expansão, a etnografia passa a ser experimentada por artistas e a arte experimentada por antropólogos, em trabalhos que envolvem entrevistas ficcionais, etnopoesia, etnobiografia, fotoensaios, paisagens sonoras, plataformas multimídias, instalações, *mockmentaries* (falsos documentários), entre outros. Reconhecendo esse quadro, os editores do primeiro número dos CAA, Ricardo Campos e Peter Zoetl (2012), citados anteriormente, defendem que a linguagem estética seria central para o diálogo cultural:

A assunção da multissensorialidade é algo que devemos privilegiar em termos epistemológicos, reforçando a ideia de que o conhecimento não é uma mera construção

racional e distanciada. Assumir a multissensorialidade é, igualmente, estar mais próximo da experiência estética, é assumir o corpo enquanto mediador de significados (Campos; Zoettl, 2012, p. 6).

Os processos artísticos podem proporcionar, portanto, formas alternativas, inovadoras, críticas e contra-hegemônicas de questionar os mecanismos de produção de conhecimento. Um exemplo disso pode ser encontrado na peça de teatro *Raptada pelo Raio*, escrita pelo antropólogo Pedro Cesarino com base em sua tese de doutorado, sobre narrativas do povo Marubo²⁰. Acreditamos que as pesquisas que põem em relação – ou em f(r)icção, como aposta John Dawsey (2009) – a antropologia e a *performance* estejam contribuindo, sobretudo nas últimas duas décadas, para o avanço não apenas do debate, mas também de ações concretas nesse sentido. De alguma forma, percebemos que, cada vez mais, as pesquisas em antropologia da *performance* brasileiras estão buscando estabelecer outras formas de produção de conhecimento, mais horizontais, mais corporais, mais dialógicas e, mesmo que não necessariamente assim denominadas, mais descolonizadoras.

No Brasil, pioneiras nessa forma de abordagem da performance foram as propostas dos já mencionados João Gabriel Teixeira e Regina Muller. Privilegiando a concepção de *performance* enquanto linguagem artística, como manifestação cultural e a ideia de *performance* no cotidiano, o núcleo de pesquisa liderado por Teixeira (TRANSE) realizou diversos experimentos metodológicos, dentro e fora da sala de aula, na UnB. Entre esses experimentos, ressaltam-se oito montagens teatrais realizadas no fim dos anos 1980 (Tei-

xeira, 1998), os espetáculos *Danação Malandra*, de 1997, e *Mulheres Brasileiras*, de 2000, e os experimentos performáticos realizados com estudantes de sociologia e arte, intitulados *Corpos em Obras*, em 2008, e *A Sociologia Dança*, em 2009. Em todos esses experimentos, a reflexão sobre a literatura sociológica deveria ocorrer a partir do corpo, promovendo um produto artístico a ser apresentado ao público universitário (Teixeira, 2006, 2013).

Já Regina Muller, artista e antropóloga, realizou pesquisa entre os Assurini do Alto Xingu e encontrou no conceito de “inscrição”, de Geertz, uma possibilidade de interpretação da dança nos rituais do grupo (MULLER, 2000; 2008; 2013a; 2013b; 2013c). A autora vê na fixação do sentido, proposta por Geertz, a chave para a transição da escrita como discurso para a ação como discurso, com base em sua contextualização histórico-social. No entanto, Muller não se limita apenas a essa forma de análise, fazendo uma relação entre sua experiência entre os Assurini e a experiência como *visiting scholar* com Schechner, em Nova York, em 2001. A autora considera que é a *performance*, entre as linguagens das artes cênicas, a que mais se aproxima da experiência ritual nas sociedades indígenas. Ela conta, em artigo de 2005, como usou essa experiência para apresentar, no Congresso de Americanistas realizado em Santiago do Chile, em 2004, ao invés de uma comunicação oral, uma *performance* na qual, inspirada na dança das mulheres Assurini e nas mulheres noventa e quatro, usou somente colares, pulseiras e uma calça íntima, além de unhas vermelhas muito longas e sandálias havaianas (Muller, 2005).

Essas iniciativas reverberaram e inspiraram muitos antropólogos e antropólogas.

20 Entrevista com o autor e maiores informações sobre a peça podem ser consultadas em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/3093,1.shl>>. Acesso em: 1º mar. 2019.

Em 2010, por exemplo, no Encontro Nacional de Antropologia da Performance (ENAP – USP), foram reservados momentos para *performances* coletivas, tais como *O Levantamento do Mastro: Terra, Céu, Tupanaroca e Aruanda no Festejo do Sem Fim*. Em 2015, no III Colóquio Antropologias em Performance (UFSC), os participantes foram convidados a integrar as *Intervenções de coisas que nos fazem falar/calar*. Nos GTs de congressos, são cada vez mais comuns apresentações performáticas por parte dos pesquisadores. Ou seja, pesquisar *performance* pode ser também, como já propunham Edith Turner e Victor Turner (1982), performatizar a própria pesquisa antropológica.

Esses são alguns exemplos de como pesquisadores brasileiros agenciam diferentes acepções do conceito de *performance* em suas pesquisas e como, em diálogo com interlocutores, colegas (sobretudo do meio artístico) e com a bibliografia estrangeira, produzem propostas críticas e originais²¹. Entre essas propostas, salientam-se as interlocuções com os campos da música, da dança, das artes visuais, do audiovisual e do teatro proporcionadas pela chave conceitual “*performance*”.

Em linhas gerais, podemos perceber no país que as encruzilhadas da antropologia da *performance* possibilitam caminhos relacionados à perspectiva linguística, baseada em etnografias da fala, e à perspectiva dramaturgicamente, baseada em análises das relações cultura-sociedade-performance, com todas as variações possíveis. Em alguma medida, todas as pesquisas investem inicialmente nos problemas metodológicos e analíticos relacionados a como conhecer, registrar e comunicar, na interação, a complexidade do caráter expres-

sivo, poético, multisensorial e intenso das experiências em questão. Consideradas como *performances*, essas experiências são examinadas criticamente como arenas reflexivas, nas quais os sujeitos se servem de recursos estilísticos heterogêneos, contextualizando os significados e evidenciando as ideologias. Os estudos da *performance* possibilitam o exame de variadas expressões culturais como eventos que tanto podem ser de reforço e reinvenção das tradições quanto de crise, renovação e mudança frente um mundo pós-colonial e globalizado. Por meio do conceito – e, muitas vezes, da prática – de *performance*, expressões sociais e negociações de poder podem ser reconhecidas e analisadas por seus aspectos estéticos, multisensoriais, dialógicos e contextualizados.

Considerações finais: caminhos abertos pelas encruzilhadas

Como procuramos demonstrar ao longo deste artigo, os estudos da *performance* fazem uma contribuição para a antropologia em diversos âmbitos. No desenvolvimento da antropologia dialógica, por exemplo, tem se ocupado em como captar, em textos fixos, os mecanismos poéticos das *performances* orais (Langdon, 1999; Hartmann, 2011a; Ramos, 2018), bem como no desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre o papel do antropólogo nos eventos performáticos (Cardoso, 2007a; Dawsey, 1997; 2000; 2013; Hikiji, 2010). O paradigma da *performance* reconhece que o(a) antropólogo(a) em campo está imerso(a) na política da interação comunicativa e, assim, demanda constante

21 Langdon e Pereira (2012), por exemplo, utilizaram o conceito de *performance* como orientação metodológica para alunos de graduação, trabalho que resultou em uma coletânea de artigos útil em disciplinas de metodologia de cursos de antropologia.

reflexão sobre como nos posicionamos, seja na relação com nossos colaboradores, seja na representação de suas falas, textos, gestos, sons, e na escrita geral dos textos etnográficos. Não é fortuito o fato de que muitos pesquisadores que se dedicam à antropologia da *performance* tenham formações interdisciplinares (muitos são músicos, bailarinos, artistas visuais, cineastas, atores etc.), como também, no exercício antropológico, frequentemente coloquem em evidência essa interdisciplinaridade, produzindo resultados de pesquisa em formatos que explicitam, convocam e exaltam as qualidades poéticas das manifestações investigadas.

Constatamos, portanto, que a antropologia da *performance* permite examinar criticamente os eventos sociais como arenas reflexivas, nas quais competem recursos estilísticos heterogêneos, significados contextualizados e ideologias conflitantes. Caracterizados por sua dialogicidade, contextualização e intertextualidade, esses eventos são analisados como manifestações e negociações de poder. *Performances* são também formas de protesto e expressão de identidade (Hartmann, 2002; 2011a; 2011b; Silva, R. A., 2016; 2010; Silva, R. de C. O., 2008; Hartmann; Fischman, 2007). Questões como a reinvenção das tradições aparecem, nesse sentido, relacionadas à subjetividade, ao contexto, à práxis e à globalização (Cavalcanti, 2015; 2018a; 2018b; Carvalho, 2011; Hartmann, 2002; 2011a; 2011b; 2012; 2013; 2017; Rios *et al.*, 2015; Silva, R. A., 2008; 2010; Tamasso, 2017; Teixeira; Gusmão, 2000; Teixeira; Vianna, 2012; Teixeira; Garcia; Gusmão, 2004). *Performances* são atos de comunicação nos quais o modo de expressar é tão ou mais importante do que o conteúdo da mensagem.

Verificamos que há uma diversidade de conceitos que vêm sendo utilizados nesse

campo interdisciplinar e que os teóricos mais influentes no Brasil são Victor Turner (1982; 1988), em associação com Richard Schechner (1988; 1993; 2002), e sua abordagem que vai da análise dos ritos para os estudos de *performance* (com a definição das noções de liminaridade e drama social); Walter Benjamin (1985) e a noção de experiência; John Austin (1990) e os atos de fala; Stanley Tambiah (1985; 1996) e a abordagem performativa dos ritos; Dell Hymes, Richard Bauman e Charles Briggs com a etnografia da fala e a arte verbal; Paul Zumthor (1993; 1997; 2000) e a *performance* na literatura oral; Diana Taylor (2013a; 2013b) e as noções de arquivo e repertório, além da recorrência a teóricos do teatro, tais como Antonin Artaud, Jerzy Grotowski, Patrice Pavis, Josette Feral e Marvin Carlson.

John Dawsey (2016) escava os acervos teóricos do campo e, sensível aos sons dissonantes e às muitas f(r)icções entre rostos e máscaras sociais, constata:

A performance é capaz de produzir um efeito sismológico em relação ao tempo. Imagens do passado irrompem no presente, em momentos de perigo, subvertendo um palco da história concebido como uma sequência de cenas que culmina num presente naturalizado (Dawsey, 2016, p. 5).

Esse efeito sismológico da *performance*, de acordo com ele, não apenas modifica as relações que se dão no espaço, mas também altera as temporalidades entre elas. Partindo dessa ideia, podemos pensar o que esse efeito sismológico pode causar às encruzilhadas aqui em questão: talvez caminhos que se bifurquem possam se encontrar, talvez os corpos de antropólogos(as) e de seus(suas) interlocutores(as) deparem com movimentos poéticos e políticos comuns. Se as encru-

zilhadas, como nos lembra Vânia Cardoso (2007a), são lugar do “povo da rua”, onde se entrecruzam não apenas múltiplas liminaridades, mas também a dimensão ritual, elas são também espaços potenciais de cruzamento entre antropologia e *performance*. Das encruzilhadas, esses “entre” caminhos, podem emergir formas antropológicas que tanto informam sobre os grupos sociais que

lhes atravessam, quanto comunicam, de maneira estética, expressiva, polifônica e multisensorial, sobre seus atores – incluídos aí os próprios antropólogos. Na antropologia da *performance*, os corpos, seus movimentos e significados são uma importante chave para organizar, expressar, manifestar e, quiçá, transformar as experiências e os saberes que se cruzam no fazer antropológico.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, C. de C. Caveiras da Performance, a ossada de uma filiação comum: John Dawsey entrevista Richard Schechner. *GIS — Gesto, imagem, som*, v. 3, n.1, p. 302-308, 2018.
- ANDRADE, U. M. Um grande atrator: toré e articulação (inter) étnica entre os Tumbalalá do sertão baiano. *Cadernos de Campo*, v. 10, n. 10, p. 79-92, 2002. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v10i10p79-92>
- ANDRELLO, G. Falas, objetos e corpos: autores indígenas no alto rio Negro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 73, p. 5-26, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092010000200001>
- AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BARCELOS NETO, A. A serpente de corpo repleto de canções: um tema amazônico sobre a arte do trançado. *Revista de Antropologia*, v. 54, n. 2, p. 981-1012, 2011. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2011.39653>
- BARCELOS NETO, A. The (de)animalization of objects: food offerings and the subjectivization of masks and flutes among the Wauja of Southern Amazonia. In: SANTOS-GRANERO, F. (org.). *The Occult Life of Things: Amazonian Theories of Materiality and Personhood*. Tucson: University of Arizona Press, 2009. p. 128-153.
- BARCELOS NETO, A. Wauja snake-basket: myth and the conceptual imagination of material culture in Amazonia. *Mundo Amazônico*, v. 7, n. 1-2, p. 115-136, 2016. <https://doi.org/10.15446/ma.v7.55701>
- BAUMAN, R. A Poética do Mercado Público: Gritos de Vendedores no México e em Cuba. *Ilha — Revista de Antropologia*, v. 11, n. 1-2, p. 17-39, 2009. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2009v11n1-2p17>
- BAUMAN, R. Fundamentos da *performance*. *Sociedade e Estado*, v. 29, n. 3, p. 727-746, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000300004>
- BAUMAN, R. Language, identity, performance. *Pragmatics*, v. 10, n. 1, p. 1-5, 2000. <http://doi.org/10.1075/prag.10.1.01bau>
- BAUMAN, R. *Performance*. In: BAUMAN, R. (org). *Folklore, Cultural Performances, and Popular Entertainments*. Nova York: Oxford University Press, 1992. p. 41-49.
- BAUMAN, R. *Story, Performance and Event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BAUMAN, R. *Verbal Art as Performance*. Rowley: Newbury House Publishers, 1977.

- BAUMAN, R. Verbal art as performance. *American Anthropologist*, v. 77, n. 2, p. 290-311, 1975. <https://doi.org/10.1525/aa.1975.77.2.02a00030>
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. Poética e Performance como Perspectiva Crítica da Linguagem e Vida Social. *Ilha — Revista de Antropologia*, v. 8, n. 1-2, p. 185-229, 2006. <https://doi.org/10.5007/%25x>
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. *Annual Review of Anthropology*, v. 19, p. 59-88, 1990. <https://doi.org/10.1146/annurev.an.19.100190.000423>
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. *Voices of modernity: language ideologies and the politics of inequality*. Nova York: Cambridge University Press, 2003.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas).
- BIÃO, A. J. A Presença do Corpo em Cena nos Estudos da Performance e na Etnocologia. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 1, n. 2, p. 346-359, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266022804>
- BOUDREAUULT-FOURNIER, A.; CAUBY NOVAES, S.; HIKIJI, R. S. G. Fabricar o Funk em Cidade Tiradentes, São Paulo: *performance* em etnificação. *Cultures-Kairós*, v. 7, p. 1-22, 2016.
- BRANDSTETTER, G. Entrelaçamentos culturais em dança. *Ilha — Revista de Antropologia*, v. 13, n. 1-2, p. 21-40, 2011. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2011v13n1-2p21>
- BRIGGS, C. L.; BAUMAN, R. Genre, intertextuality and social power. *Journal of Linguistic Anthropology*, v. 2, n. 2, p. 131-172, 1992.
- CAMARGO, G. G. A. *Antropologia da Dança I*. Florianópolis: Insular, 2013.
- CAMARGO, G. G. A. *Antropologia da Dança II*. Florianópolis: Insular, 2015a.
- CAMARGO, G. G. A. *Antropologia da Dança III*. Florianópolis: Insular, 2015b.
- CAMARGO, G. G. A. *Antropologia da Dança IV*. Florianópolis: Insular, 2018.
- CAMARGO, R. C. de. *Performances* culturais: abordagens interdisciplinares. Goiânia: Ed. UFG, 2017.
- CAMARGO, R. C. de; CUNHA, F. P.; CORREIA, P. P. (orgs.). *Performances* da Cultura: Ensaios e Diálogos. Goiânia: Sesc/Fapeg/Kelps, 2015.
- CAMARGO, R. C. de; REINATO, E.; CAPEL, H. (orgs.). *Performances* Culturais: a História Invade a Cena. São Paulo: Hucitec/PUC Goiás, 2011.
- CAMARGO, R. C. de *et al.* (orgs.). *Performances* Culturais: Abordagens Interdisciplinares. Goiânia: Ed. Universidade Federal de Goiás, 2019.
- CAMPOS, R.; ZOETTL, P. Arte e Antropologia? Para uma espécie de introdução... *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 1, n. 1, p. 5-8, 2012.
- CARDOSO, V. Z. Antropologias em *Performance*. *Ilha — Revista de Antropologia*, v. 11, n. 1-2, p. 9-16, 2009.
- CARDOSO, V. Z. Danger of words: risk and (mis)comprehension in consultations with the spirits of the *povo da rua*. *Vibrant*, v. 14, n. 1, p. 45-60, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-43412017v14n1p045>
- CARDOSO, V. Z. Narrar o mundo: Estórias do “povo da rua” e a narração do imprevisível. *Mana*, v. 13, n. 2, p. 317-345, 2007a. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132007000200002>
- CARDOSO, V. Z. O Espírito da *Performance*. *Ilha — Revista de Antropologia*, v. 9, p. 197-213, 2007b. <https://doi.org/10.5007/%25x>

- CARDOSO, V. Z. Presenças Inesperadas: A *Performance* nas Brechas do Cotidiano. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 25., 2006, Goiânia. Anais [...]. 2006.
- CARDOSO, V. Z.; HEAD, S. Encenações da descrença: a *performance* dos espíritos e a presentificação do real. Revista de Antropologia, v. 56, n. 2, p. 257-289, 2013a. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2013.82469>
- CARDOSO, V. Z.; HEAD, S. Girando entre gestos: interrupção como fonte do fluir. Karpa: Journal of Theatricalities and Visual Culture, v. 6, p. 1-12, 2013b.
- CARDOSO, V. Z.; HEAD, S. Matérias nebulosas: coisas que acontecem em uma festa de exu. Religião & Sociedade, v. 35, n. 1, p. 164-192, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872015v35n1cap08>
- CARLSON, M. *Performance*: uma introdução crítica. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.
- CARVALHO, L. G. de. A graça de contar: um pai Francisco no bumba meu boi do Maranhão. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2011.
- CASTRO, R. de A. Ser em cena, flor ao vento: etnografia de olhares híbridos. Brasília: Editora da UnB, 2012.
- CAVALCANTI, M. L. V. de C. Bumba-Meu Boi, Boi Bumbá: a inventividade das tradições populares. Política & Trabalho, n. 49, p. 23-39, 2018a. <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2018v1n49.40926>
- CAVALCANTI, M. L. V. de C. Carnaval, ritual e arte. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.
- CAVALCANTI, M. L. V. de C. Drama, ritual e *performance* em Victor Turner. Sociologia & Antropologia, v. 3, n. 6, p. 411-440, 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752013v363>
- CAVALCANTI, M. L. V. de C. Luzes e sombras no dia social. O símbolo ritual em Victor Turner. Horizontes Antropológicos, v. 18, n. 37, p. 103-131, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832012000100005>
- CAVALCANTI, M. L. V. de C. O ritual e a brincadeira: rivalidade e afeição no bumbá de Parintins, Amazonas. Mana, v. 24, n. 1, p. 9-38, 2018b. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442018v24n1p009>
- CAVALCANTI, M. L. V. de C.; SINDER, V.; LAGE, G. Victor Turner e a Antropologia no Brasil. Duas visões. Entrevistas com Roberto DaMatta e Yvonne Maggie. Sociologia & Antropologia, v. 3, n. 6, p. 339-378, 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752013v361>
- CESARINO, P. N. A escrita e os corpos desenhados: transformações do conhecimento xamanístico entre os Marubo. Revista de Antropologia, v. 55, n. 1, p. 75-137, 2012. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2012.47583>
- CESARINO, P. N. Conflitos de Pressupostos na Antropologia da Arte: Relações entre pessoas, coisas e imagens. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 32, n. 93, p. 1-17, 2017. <http://dx.doi.org/10.17666/329306/2017>
- CESARINO, P. N. Eventos ou textos? A pessoa múltipla e o problema da tradução das artes verbais amazônicas. In: DAHER, A. (org.). Oral por escrito. Chapecó: Argos/Ed. da UFRJ, 2018.
- CESARINO, P. N. Texto integral do espetáculo teatral *Raptada pelo Raio*. Revista Noz — Caderno Livre. São Paulo: Programa de Fomento ao Teatro da Prefeitura de São Paulo/Cooperativa Paulista de Teatro, 2011.
- CONQUERGOOD, D. Poetics, play, process, and power: the performative turn in anthropology. Text and Performance Quarterly, v. 9, n. 1, p. 82-88, 1989. <https://doi.org/10.1080/10462938909365914>
- CORREIA, P. P.; CAMARGO, R. C. de (orgs.). Corpo, Estética, Diferença e outras *performances* nômades. São Paulo: Paulinas, 2016.
- CUNHA, E. T. da. Ritual, performance e imagens entre os bororo do Mato Grosso. In: DAWSEY, J. C. et al. (orgs.). Antropologia e *performance*: ensaios Napedra. São Paulo: Terceiro Nome, 2013. p. 261-278.

- DA MATTA, R. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do Dilema Brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DAWSEY, J. C. Antropologia em *performance*: entrevista com Richard Schechner. GIS — Gesto, Imagem, Som, v. 3, n. 1, p. 379-439, 2018.
- DAWSEY, J. C. Caindo na cana com Marilyn Monroe: tempo, espaço e Bóias-Frias. Revista de Antropologia, v. 40, n. 1, p. 183-225, 1997. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011997000100007>
- DAWSEY, J. C. Corpo, máscara e f(r)icção: a “fábula das três raças” no Buraco dos Capetas. Ilha — Revista de Antropologia, v. 11, n. 1-2, p. 41-62, 2009. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2009v11n1-2p41>
- DAWSEY, J. C. De que riem os boias-frias? Diários de antropologia e teatro. São Paulo: Terceiro Nome , 2013.
- DAWSEY, J. C. Nossa Senhora Aparecida e a Mulher Lobisomem: Benjamin, Brecht e o Teatro Dramático na Antropologia. Ilha — Revista de Antropologia, v. 2, n. 1, p. 85-103, 2000.
- DAWSEY, J. C. Schechner, teatro e antropologia. Cadernos de Campo (USP 1991), v. 20, p. 207-213, 2011.
- DAWSEY, J. C. Sismologia da *performance*: palcos, tempos, f(r)icções. Cultures-Kairós, v. 7, p. 1-20, 2016.
- DAWSEY, J. C. Victor Turner e Antropologia da experiência. Cadernos de Campo, v. 13, n. 13, p. 163-176, 2005. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p163-176>
- DAWSEY, J. C. *et al.* (orgs.). Antropologia e *performance*: ensaios Napedra. São Paulo: Terceiro Nome , 2013.
- DEVOS, R. V. Arte e agência em documentários etnográficos. Antropologia em Primeira Mão, v. 143, p. 1-20, 2014.
- DEVOS, R. V.; VEDANA, V. Do audiovisual à hipermídia. Antropologia em Primeira Mão, v. 120, p. 1-34, 2010.
- DEVOS, R. V.; VEDANA, V.; BARBOSA, G. C. Paisagens como panorama e ritmos audiovisuais: percepção ambiental na pesca da Tainha. GIS — Gesto, Imagem e Som, v. 1, n. 1, p. 41-58, 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2016.116350>
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Antropologia da Imagem no Brasil: experiências fundacionais para a construção de uma comunidade interpretativa. Iluminuras, v. 17, n. 41, p. 277-297, 2016. <https://doi.org/10.22456/1984-1191.64571>
- ESCOBAR, A. The Latin American Modernity/Coloniality Research Program: Worlds and Knowledges Otherwise. Cuadernos del CEDLA, v. 16, p. 31-67, 2004.
- FAUSTO, C. B.; FRANCHETTO, B. Tisakisü: Tradição e Novas Tecnologias da Memória (Kuikuro, Alta Xingu). Rio: Museu do Índio-FUNAI, 2008.
- FAUSTO, C.; FRANCHETTO, B.; MONTAGNANI, T. Las Formas de la memoria: Arte verbal y música entre los kuikuros del Alto Xingú. Cuadernos Intercambio, v. 10, n. 12, p. 49-75, 2013.
- FAUSTO, C. B.; FRANCHETTO, B.; MONTAGNANI, T. Les formes de la mémoire. Art verbal et musique chez les Kuikuro du Haut-Xingu. L'Homme, v. 197, p. 41-69, 2011.
- FERRAZ, A. L. M. C. Mulheres, trabalho e redes sociais: Uma experiência etnográfica de produção de *performances* para o vídeo. Ciências & Cognição, v. 13, n. 1, p. 142-151, 2008.
- FERREIRA, F. C. B. Pesquisadoras e suas magias. In: DAWSEY, J. C. *et al.* (orgs.). Antropologia e *performance*: ensaios Napedra. São Paulo: Terceiro Nome , 2013. p. 279-292.
- FERREIRA, F.; MULLER, R. P. (orgs.). *Performance*: Arte e Antropologia. São Paulo: Hucitec, 2010.

- FISCHMAN, F. Performance, escritura y oralidad en la socialización profesional de los abogados argentinos. *Ilha — Revista de Antropologia*, v. 11, n. 1-2, p. 63-84, 2009. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2009v11n1-2p63>
- GALLOIS, D. T. Alguns pontos de vista acerca da formação de pesquisadores indígenas no Brasil. *Nuevo Mundo-Mundos Nuevos*, v. 4, p. 1-15, 2014.
- GALLOIS, D. T. Donos, detentores e usuários da arte gráfica kusiwa. *Revista de Antropologia*, v. 55, n. 1, p. 19-39, 2012. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2012.46956>
- GALLOIS, D. T. Gêneses waiápi, entre diversos e diferentes. *Revista de Antropologia*, v. 50, n. 1, p. 45-83, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012007000100002>
- GALLOIS, D. T. Intercâmbio de imagens e reconstruções culturais. *Sinopses*, v. II, n. 5, p. 82-84, 2000.
- GALLOIS, D. T.; CARELLI, V. Diálogo Entre Povos Indígenas: A Experiência de Dois Encontros Mediados Pelo Vídeo. *Revista de Antropologia*, v. 38, n. 1, p. 205-258, 1995a. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1995.111448>
- GALLOIS, D. T.; CARELLI, V. Vídeo e Diálogo Cultural. *Horizontes Antropológicos*, v. 2, p. 49-57, 1995b.
- GEERTZ, C. Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social. *In: GEERTZ, C. O Saber Local*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 33-56.
- GOFFMAN, E. The Interaction Order. *American Sociological Review*, v. 48, n. 1, p. 1-17, 1983. <https://doi.org/10.2307/2095141>
- GÓMEZ-PEÑA, G. Em defesa da arte da performance. *In: DAWSEY, J. et al. (orgs.) Antropologia e Performance: ensaios NAPEDEA*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013. p. 441-466.
- GONÇALVES, R.; OSÓRIO, P. Dança e Cultura Popular. *Aceno*, v. 1, n. 2, p. 12-24, 2014.
- GRAVINA, H. C. Entre “artes” e “ciências”: a *performance* como construção de conhecimento numa interface entre dança e antropologia social. *Revista da Fundarte*, v. 5, p. 9-12, 2005.
- GRAVINA, H. C. Falar-fazer antropologia: uma experimentação etnográfica do corpo na capoeira Angola. *Ilha — Revista de Antropologia*, v. 13, n. 1-2, p. 113-138, 2012. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2011v13n1-2p113>
- GRAVINA, H. C. Le Monde de la Capoeira Angola vu de Marseille: corps, imaginaires et hiérarchies en jeu. *Vibrant*, v. 6, n. 1, p. 123-151, 2009.
- GONÇALVES, R. S.; OSÓRIO, P. Dança e Cultura Popular. *Aceno*, v. 1, n. 2, p. 12-24, 2014.
- GONÇALVES, R. S.; OSÓRIO, P. Apresentação. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, n. 33, p. 13-23, 2012. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2012.0i33.a136>
- GRÜNEWALD, R. de A. (org.). *Toré: regime encantado do índio do Nordeste*. Recife: Massangana/FUNDAJ, 2005.
- HANNA, P.; LANGDON, E. J.; VANCLAY, F. Indigenous Rights, Performativity and Protest. *Land Use Policy*, v. 50, p. 490-506, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2015.06.034>
- HARTMANN, L. Contando histórias com imagens. *Doc On-Line — Revista Digital de Cinema Documentário*, v. 6, n. 6, p. 55-70, 2009.
- HARTMANN, L. Desafios da Diversidade em sala de aula: um estudo sobre performances narrativas de crianças imigrantes. *Cadernos Cedes*, v. 37, n. 101, p. 45-64, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/cc0101-32622017168668>

- HARTMANN, L. Gesto, palavra e memória: *performances* de contadores de causos. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011a.
- HARTMANN, L. Identidade, Ambigüidade, Conflito: *performances* narrativas como estratégia de análise da cultura de fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. Revista de Investigaciones Folclóricas, Buenos Aires, v. 17, p. 114-122, 2002.
- HARTMANN, L. “Just because they’re lies doesn’t mean they’re not true”: Learning and transmission of lies among storytellers. *Compasso — Journal of Comparative Research in Anthropology and Sociology*, v. 5, n. 2, p. 73-87, 2014.
- HARTMANN, L. Medo e encantamento em narrativas orais contadas por crianças. Revista Cerrados, v. 22, n. 35, p. 49-69, 2013.
- HARTMANN, L. “Não sendo mentira, são sempre verdade” — aprendizagem e transmissão da mentira entre contadores de causos. Ilha — Revista de Antropologia, v. 13, n. 1-2, p. 139-162, 2012. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2011v13n1-2p139>
- HARTMANN, L. *Performance* e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. Horizontes Antropológicos, v. 11, n. 24, p. 125-153, 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832005000200007>
- HARTMANN, L. *Performances* culturais: expressões de identidade nas festas da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai. Etnográfica, v. 15, n. 2, p. 233-259, 2011b.
- HARTMANN, L.; FISCHMAN, F. (orgs.). Donos da palavra: autoria, *performance* e experiência em narrativas orais na América do Sul. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.
- HEAD, S.; GRAVINA, H. C. Blackness in Movement: Identifying with Capoeira Angola in and out of Brazil. African and Black Diaspora: An International Journal, v. 5, n. 2, p. 194-210, 2012. <https://doi.org/10.1080/17528631.2012.695221>
- HIKIJ, R. S. G. Video, Music and Shared Anthropology. Visual Anthropology, v. 23, n. 4, p. 330-343, 2010. <https://doi.org/10.1080/08949468.2010.485009>
- HIKIJ, R. S. G.; CAFFÉ, C. A Arte e a Rua? Audiovisual Ethnography on the Outskirts of São Paulo. Alter/nativas — Latin American Cultural Studies Journal, n. 2, p. 1-15, 2014.
- HYMES, D. Breakthrough into Performance. In: BEN-AMOS, D.; GOLDSTEIN, K. S. (orgs.). Folklore: Performance and Communication. Paris: Mouton, 1975. p. 11-74.
- LAGROU, E. Anaconda-becoming: Huni Kuin image-songs, an Amerindian relational aesthetics. Horizontes Antropológicos, v. 24, n. 51, p. 17-49, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832018000200002>
- LAGROU, E. Arte Indígena no Brasil. Belo Horizonte: C/ARTE, 2009.
- LAKATOS, I. Falsification and the Methodology of Scientific Research Programmes. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (orgs.). Criticism and the Growth of Knowledge: Proceedings of the International Colloquium in the Philosophy of Science. London, 1965. Cambridge: Cambridge University Press, 1970. p. 91-196.
- LANGDON, E. J. A fixação da narrativa: do mito para a poética da literatura oral. Horizontes Antropológicos, v. 5, n. 12, p. 13-36, 1999. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831999000300002>
- LANGDON, E. J. A *performance* da diversidade: o xamanismo como modo performático. GIS — Gesto, Imagem e Som, v. 1, n. 1, p. 9-40, 2016a. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2016.116460>
- LANGDON, E. J. “A Viagem à Casa das Onças”: Narrativas sobre experiências extraordinárias. Revista de Antropologia, v. 56, n. 2, p. 183-212, 2013. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2013.82465>

- LANGDON, E. J. Dialogicalidad, conflicto y memoria en etnohistoria siona. *Bol. de Antropología*, Medellín, v. 33, n. 55, p. 56-76, 2018a. <http://doi.org/10.17533/udea.boan.v33n55a04>
- LANGDON, E. J. From *Rau* to Sacred Plants: Transfigurations of shamanic agency among the Siona Indians of Colombia. *Social Compass*, v. 64, n. 1, p. 343-359, 2017a. <http://dx.doi.org/10.1177/0037768617713654>
- LANGDON, E. J. Indigenous Autonomy in Contemporary Colombia and Implications for the Return of Ethnographic Material. *In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA*, 6., 2017. Anais [...]. 2017b. p. 21-37. Disponível em: <Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/issue/view/81>>. Acesso em: 4 fev. 2019.
- LANGDON, E. J. Mana e Substâncias Xamânicas: As reconfigurações entre as Siona da Colômbia. *Revista Campos*, v. 19, n. 1, p. 113-135, 2018b. <http://dx.doi.org/10.5380/cra.v19i1.64069>
- LANGDON, E. J. Oír y ver los espíritus: performances chamánicas y los sentidos entre los indígenas siona del Putumayo, Colombia. *In: DE MORI, B.; LEWY, M.; GARCÍA, M. A. (orgs.). Sudamérica y sus Mundos audibles. Cosmologías y prácticas sonoras de los pueblos indígenas*. Berlín: Iberoamerikanisches Institut / Gebr. Mann Verlag, 2015. (Estudios Indiana 8).
- LANGDON, E. J. *Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia*. *In: TEIXEIRA, J. G. (org.). Performáticos, Performance e Sociedade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996. p. 23-29.
- LANGDON, E. J. *Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs*. Ilha. *Revista de Antropologia*, v. 8, n. 1-2, p. 163-183, 2006. <https://doi.org/10.5007/%25x>
- LANGDON, E. J. Textual interpretation in the Amazon. *American Anthropologist*, v. 99, n. 3, p. 628-629, 1997.
- LANGDON, E. J. The Revitalization of Yajé Shamanism among the Siona: Strategies of Survival in Historical Context. *Anthropology of Consciousness*, v. 27, n. 2, p. 180-203, 2016b. <https://doi.org/10.1111/anoc.12058>
- LANGDON, E. J. The Symbolic Efficacy of Rituals: From Ritual to Performance. *Antropologia em Primeira Mão*, v. 95, p. 1-39, 2007.
- LANGDON, E. J. The Value of Narrative: Memory and Patrimony among the Siona. *Revista del Museo de Antropología*, v. 11, Supl. Esp. 1, p. 91-100, 2018c. <http://dx.doi.org/10.31048/1852.4826.v11.n0.21463>
- LANGDON, E. J.; PEREIRA, E. L. (orgs.). *Rituais e performances: iniciações em pesquisa de campo*. Florianópolis: UFSC/Departamento de Antropologia, 2012.
- LANGDON, E. J.; WIIK, F. B. Festa de Inauguração do Centro de Turismo e Lazer: uma Análise da Performance Identitária dos Laktlânô (Xokleng) de Santa Catarina. *Ilha — Revista de Antropologia*, v. 10, p. 171-199, 2009.
- LYRA, L. Da artetnografia à mitodologia e artes cênicas: a máscara-mangue em duas experiências performáticas. *In: DAWSEY, J. C. et al. (orgs.). Antropologia e performance: ensaios Napedra*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013. p. 391-410.
- LYRA, L. Pontes e pontos de contato: o cavalo-marinho e a arte da *performance*. *In: FERREIRA, F.; MULLER, R. P. (orgs.). Performance: Arte e Antropologia*. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 254-279.
- MACEDO, V. Dos cantos para o mundo: invisibilidade, figurações da cultura e o se fazer ouvir nos corais guarani. *Revista de Antropologia*, v. 55, n. 1, p. 357-400, 2012. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2012.46969>
- MACEDO, V. Tracking Guarani songs: between villages, cities and worlds. *Vibrant*, v. 8, n. 1, p. 377-410, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-43412011000100014>

- MACHADO, L. Z. A Antropologia Brasileira um Triplo Itinerário? *In*: SIMIÃO, D. S.; FELDMAN-BIANCO, B. (orgs.). O campo da antropologia no Brasil: retrospectiva, alcances e desafios. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2018.
- MARTINS, L. M. Afrografias da Memória. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- MAXAKALI, T.; ROSSE, E. P. Kómâyxop cantos xamânicos Maxakali. Rio de Janeiro: FUNAI, 2012. (com CD.)
- MONTARDO, D. L. O. Através do Mbaraka: Música, Dança e Xamanismo Guarani. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. (com CD)
- MONTARDO, D. L. O. Através Caminhando, cantando e dançando com os pais criadores: o jeroky guarani visto como *performance*. Ilha. Revista de Antropologia, v. 11, n. 1-2, 131-144, 2010a. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2009v11n1-2p131>
- MONTARDO, D. L. O. Através La música y la danza en la cosmología Guaraní. A Contratiempo: Revista de Música en la Cultura, n. 14, p. 1-8, 2010b.
- MONTARDO, D. L. O. Através Para uma Antropologia da Música na Amazônia. *In*: MONTARDO, D. L. O. Através Amazônia e Outros Temas. PPGAS. Manaus: EDUA, 2010c.
- MONTARDO, D. L. O. Através Sons e Espacialidade, os Caminhos nos Cantos e Danças Guarani. Ilha — Revista de Antropologia, v. 20, n. 1, p. 145-162, 2018. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2018v20n1p145>
- MONTE-MOR, P. Descrevendo culturas: etnografia e cinema no Brasil. Cadernos de Antropologia e Imagem nº 1: antropologia e cinema, primeiros contatos. Rio de Janeiro: NAI/UERJ, 1995. p. 65-74.
- MONTEIRO, M. Dança popular: espetáculo e devoção. São Paulo: Terceiro Nome , 2011.
- MULLER, R. A. P. Arte gráfica Asuriní do Xingu: Corpo, mito e pensamento. *In*: SEVERI, C.; LAGROU, E. (orgs.). Quimeras em diálogo, grafismo e figuração na arte indígena. Rio de Janeiro: 7 Letras , 2013a. p. 163-180.
- MULLER, R. A. P. Corpo e imagem em movimento: há uma alma neste corpo. Revista de Antropologia, v. 43, n. 2, p. 165-193, 2000. <https://doi.org/10.1590/S0034-7701200000200008>
- MULLER, R. A. P. Mira Chica.: um estudo sobre arte da *performance*. *In*: DAWSEY, J. *et al.* (orgs.). Antropologia e *Performance*, ensaios Napedra. São Paulo: Terceiro Nome , 2013b. p. 361-371.
- MULLER, R. A. P. *Performance*, corpo e ritual entre os Asurini do Xingu. *In*: RAPOSO, P. *et al.* (orgs.). A Terra do Não-lugar, diálogos entre antropologia e *performance*. Florianópolis: Ed. da UFSC , 2013c. p. 171-191.
- MULLER, R. A. P. Ritual e *performance* nas artes indígenas. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 1, supl. 7, p. 69-75, 2008. <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5939.revmaesupl.2008.113496>
- MULLER, R. A. P. Ritual, Schechner e *Performance*. Horizontes Antropológicos, v. 1, n. 24, p. 67-85, 2005.
- NEVES, R. de C. Dramas e *Performance*: O Processo de Reelaboração Étnica Xukuru nos Rituais, Festas e Conflitos. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- OLIVEIRA, A. de P. Quando se canta o conflito: contribuições para a análise de desafios cantados. Revista de Antropologia, v. 50, n. 1, p. 313-345, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012007000100008>
- PEIRANO, M. O dito e o feito: Ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- PEIRANO, M. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de *performance*. Campos — Revista de Antropologia, v. 7, n. 2, p. 9-16, 2006.

- RAMOS, D. P. A caminho da Cidade das Onças: diálogos sobre sonhos no percurso para a Serra Grande-Metrópole dos Hupd'äh. *Revista de Antropologia*, v. 61, n. 1, p. 329-359, 2018. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.145528>
- RAMOS, D. P.; EPPS, P. Caminhos de sopra: discurso xamânico e percursos florestais. *Mana*, v. 24, n. 1, p. 161-198, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442018v24n1p161>
- RAPOSO, P. A “Revolta das Barcas”: sobre silenciamento performativo e imaterialidade do protesto na (in) visibilidade contemporânea das periferias urbanas. *GIS — Gesto, Imagem e Som*, v. 1, n. 1, p. 59-88, 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2016.116348>
- RAPOSO, P. “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 4, n. 2, p. 3-12, 2015.
- RAPOSO, P. Diálogos antropológicos: da teatralidade à *performance*. In: FERREIRA, F; MULLER, R. P. (orgs.). *Performance: Arte e Antropologia*. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 19-49.
- RAPOSO, P. Festa e *performance* em espaço público: tomar a rua! Ilha: Revista de Antropologia, v. 16, n. 2, p. 89-114, 2014. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2014v16n2p89>
- RAPOSO, P. No performance's land? Interrogações contemporâneas para uma teoria da performance. In: RAPOSO, P. *et al.* (orgs.). *A Terra do não-lugar: diálogos entre antropologia e performance*. Santa Catarina, Brasil: EDUFSC, 2013. p. 10-16.
- RAPOSO, P. *et al.* (orgs.). *A Terra do não-lugar: diálogos entre antropologia e performance*. Florianópolis: EDUFSC, 2013.
- RIOS, S. *et al.* Toadas de Santos Reis em Inhumas — GO: tradição, circulação e criação individual. Goiânia: Faculdade de Ciências Sociais/UFG, 2015.
- SANTOS, J. O. dos. Ritual, “Cultura” e Transformação: A Festa do Jacaré entre os Arara de Rondônia. In: CUNHA, M. C. da; CESARINO, P. N. (orgs.). *Políticas Culturais e Povos Indígenas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 135-163.
- SCHECHNER, R. 11 de Setembro, Arte de Vanguarda? Tradução de Marcelo de Andrade Pereira e Martin Dahlström Heuser. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 1, n. 2, p. 404-425, 2011a. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266020986>
- SCHECHNER, R. A Vanguarda Conservadora. Tradução de Martin Dahlström Heuser. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 2, n. 2, p. 573-600, 2012a. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266020985>
- SCHECHNER, R. *Between Theater and Anthropology*. Filadélfia: The University of Pennsylvania Press, 1985.
- SCHECHNER, R. *Performance e Antropologia* de Richard Schechner. Zeca Ligério (org.). Rio de Janeiro: Mauad, 2012b.
- SCHECHNER, R. *Performance Studies: an introduction*. London: Routledge, 2002.
- SCHECHNER, R. *Performance Theory*. Nova York e Londres: Routledge, 1988.
- SCHECHNER, R. Podemos ser o (novo) Terceiro Mundo? Tradução de João Gabriel L. C. Teixeira. *Sociedade e Estado*, v. 29, n. 3, p. 711-726, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000300003>
- SCHECHNER, R. Pontos de Contato entre o pensamento antropológico e teatral. Tradução de Ana Leticia de Fiori. *Cadernos de Campo*, v. 20, n. 20, p. 213-236, 2011b. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v20i20p213-236>

- SCHECHNER, R. "Pontos de Contato" revisitados. In: DAWSEY, J. C. *et al.* (orgs.). *Antropologia e Performance: ensaios NAPEDRA*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013. p. 37-65.
- SCHECHNER, R. *The Future of Ritual*. Nova York e Londres: Routledge, 1993.
- SCHIEFFELIN, E. *Performance and the Cultural Construction of Reality*. *American Ethnologist*, v. 12, n. 4, p. 707-724, 1985. <https://doi.org/10.1525/ae.1985.12.4.02a00070>
- SCHULER ZEA, E. A inquietude do tradutor: notas sobre uma lógica das partes em *La chute du ciel*. *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 30, p. 171-184, 2012. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2012v2n30p171>
- SCHULER ZEA, E. Tradução como iniciação. *Cadernos de Tradução*, v. 36, n. 3, p. 192, 2016.
- SCHULER ZEA, E. Genitivo da Tradução. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 3, n. 1, p. 65-77, 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-81222008000100006>
- SILVA, R. A. da. Entre "artes" e "ciências": a noção de performance no campo das ciências sociais. *Horizontes Antropológicos*, v. 11, n. 24, p. 35-65, 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832005000200003>
- SILVA, R. A. da. Entre o espetáculo musical e a tradição ritual: restaurações da memória do Rei Galanga. *Cultures-Kairós*, v. 1, p. 1-12, 2016.
- SILVA, R. A. da. *Negros católicos ou catolicismo negro? Um estudo sobre a construção de identidade negra no Congado mineiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- SILVA, R. A. da. *Performance televisiva e montagens congadeiras no sertão das Gerais*. *Teoria & Sociedade*, v. 15, n. 1, p. 178-196, 2008.
- SILVA, R. de C. O. da. *Superar no Movimento: Etnografia das Performances de Pirráias em Recife e Mais Além*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- SINGER, M. *When a Great Tradition Modernizes*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.
- STALLAERT, C.; SCHULER ZEA, E. Deslocamentos: estudos no duplo campo de tradução e antropologia. *Cadernos de Tradução*, v. 2, p. 11-18, 2012.
- TAMASO, I. *Performances patrimoniais em Goiás: sobre Santos, Santas e Cristos*. In: KULEMEYER, J. A.; CAMPOS, Y. D. S. (orgs.). *El lado perverso del patrimonio cultural*. San Salvador de Jujuy: Editorial de la Universidad Nacional de Jujuy, 2017. p. 278-292.
- TAMBIAH, S. J. *Culture, Thought, and Social Action: an Anthropological Perspective*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- TAMBIAH, S. J. *Leveling Crowds: Ethnonationalist conflicts and collective violence in South Asia*. Berkeley: University of California Press, 1996.
- TAYLOR, D. *O Arquivo e o Repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Trad. Eliana M. de L. Reis. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013a.
- TAYLOR, D. Traduzindo *performance*. In: DAWSEY, J. *et al.* (orgs.). *Antropologia e Performance: ensaios NAPEDRA*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013b. p. 9-16.
- TEIXEIRA, J. G. L. C. A sociologia dança: um experimento em samba de gafeira. In: PEREIRA, M. A. (org.). *Performance e Educação: desterritorializações pedagógicas*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 251-264.

- TEIXEIRA, J. G. L. C. Análise dramaturgica e teoria sociológica. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 13, n. 37, p. 89-100, 1998. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000200005>
- TEIXEIRA, J. G. L. C. Os estudos da performance e as metodologias experimentais em sociologia da arte. Sociedade em Estudos, v. 4, n. 7, p. 147-156, 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-53202006000100004>
- TEIXEIRA, J. G. L. C. Performáticos, performance e sociedade. Brasília: Ed. da UnB, 1996.
- TEIXEIRA, J. G. L. C.; GARCIA, M. V. C.; GUSMÃO, R. (orgs.). Patrimônio imagerial, *performance* cultural e (re) tradicionalização. Brasília: ICS-UnB, 2004.
- TEIXEIRA, J. G. L. C.; GUSMÃO, R. *Performance*, cultura e sociedade. Brasília: Ed. da UnB, 2000.
- TEIXEIRA, J. G. L. C.; VIANNA, L. C. R. (orgs.). As Artes Populares no Brasil Central *performance* e patrimônio. Brasília: Idade da Pedra, 2012.
- TURNER, V. Dewey, Dilthey e Drama: Um ensaio em Antropologia da Experiência (primeira parte). From Anthropology of Experience. Tradução de Herbert Rodrigues. Cadernos de Campo, v. 13, n. 13, p. 177-185, 2005a. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p177-185>
- TURNER, V. Do Ritual ao Teatro: a seriedade humana de brincar. Trad. Michele Markowitz e Juliana Monteiro. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2015.
- TURNER, V. Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu. Rio de Janeiro: EdUFF, 2005b.
- TURNER, V. From Ritual to Theatre. New York: PAJ Press, 1982.
- TURNER, V. O Processo Ritual. Petrópolis: Vozes, 1974.
- TURNER, V. The Anthropology of Performance. Nova York: P. A. J. Publications, 1988.
- TURNER, V. Social Dramas and Stories about Them. In: MITCHELL, W. J. T. (Org.). On Narrative. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- TURNER, V.; TURNER, E. Performing Ethnography. The Drama Review, v. 26, n. 2, p. 33-50, 1982.
- VEDANA, V. Diálogos entre a imagem visual e a imagem sonora: a experiência de escritura do sonoro nos documentários etnográficos. Ciberlegenda, v. 1, p. 29-42, 2011.
- VEDANA, V. Escutar no Som: gravação e edição de etnografias sonoras a partir de um paradigma ecológico. Ilha — Revista de Antropologia, v. 20, n. 1, p. 117-144, 2018. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2018v20n1p117>
- VEDANA, V. Territórios sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana. Iluminuras, v. 11, n. 25, p. 10, 2010. <https://doi.org/10.22456/1984-1191.15537>
- VIEIRA, J. G. Festas e brincadeiras: a vida cerimonial dos potiguaras. Ariús: Revista de Ciências Humanas e Artes, v. 14, n. 1/2, p. 40-50, 2008.
- WAUJA, A. *et al.* Serpentes da transformação: desenhos da Amazônia indígena. PROA: Revista de Antropologia e Arte, v. 1, n. 6, p. 196-214, 2016.
- ZUMTHOR, P. A Letra e a Voz: a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ZUMTHOR, P. Introdução à Poesia Oral. Campinas: Hucitec, 1997.
- ZUMTHOR, P. *Performance*, Recepção, Leitura. São Paulo: Educ, 2000.

Resumo

Tem um corpo nessa alma: encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil

Neste artigo, oferecemos um panorama da antropologia da *performance* no Brasil e sua produção nas últimas décadas. Nesse campo, danças, cantos, músicas, narrativas, jogos, brincadeiras, procissões, dramatizações, festas e festivais; manifestações sociais e políticas; interações cotidianas; e os rituais de vida e de morte recebem atenção especial, não apenas como possíveis interpretações ou leituras da vida social, mas também por seus aspectos simbólicos, expressivos, poéticos, estéticos e políticos que evocam e que produzem. Conceito fluido e multifacetado, a performance será discutida aqui em suas variadas formas: como objeto de estudo, processo analítico e metodológico, e como modo de organizar, expressar e criar experiências. O artigo abrange diversas interseções, organizadas em subtítulos que buscam reconhecer as principais referências da área no Brasil, destacando suas contribuições originais para a prática antropológica no país.

Palavras-chave: Antropologia; Performance; Ritual; Drama; Encruzilhada.

Abstract

There's a body in this soul: crossroads of the anthropology of performance in Brazil

In this article we offer a panorama of the Anthropology of Performance and its production over the last two decades in Brazil. In this field, dances, songs, music, narratives, games, joking, processions, dramatizations, parties and festivals; social and political manifestations; everyday interactions; and rituals of life and death, receive special attention, not only as possible interpretations or readings of social life, but also for their symbolic, expressive, poetic, esthetic and political aspects that they evoke and produce. The various forms of performance, a fluid and multifaceted concept, will be discussed: as an object of study, analytical process and methodological and as a mode of organizing, expressing and creating experiences. The article covers diverse intersections, organized in subtitles that seek to recognized the principle references of this area in Brazil and highlighting their original contributions for anthropological practice in this country.

Keywords: Anthropology; Performance; Ritual; Drama; Intersections.

Résumé

Il y a un corps dans cette âme – des croisements de l'anthropologie de la performance au Brésil

Dans cet article, nous proposons un aperçu de la production des deux dernières décennies en anthropologie de la performance au Brésil. Dans ce domaine, les danses, les chansons, les récits, les jeux, les processions, les jeux de rôle, les festivals et les festivals, les manifestations sociales et politiques, les interactions quotidiennes, les rituels de la vie et de la mort reçoivent une attention particulière, pas seulement pour les interprétations ou les lectures du social, mais surtout par les aspects symboliques, expressifs, poétiques, esthétiques et politiques qu'ils évoquent et produisent. Concept fluide et multiforme, la performance sera discutée ici sous ses différentes formes: comme objet d'étude, comme processus d'analyse, d'une perspective méthodologique et aussi comme forme d'organisation, d'expression et de création d'expériences. L'article traverse plusieurs « carrefours » délimités par des sous-titres qui cherchent à reconnaître les principales références de cette région au Brésil, en débattant leurs contributions originales à la pratique anthropologique du pays.

Mots-clés: Anthropologie; Performance; Rituel; Drame; Intersections.

